VOTAR NA LEGENDA SOCIALISTA PARA DERROTAR A REAÇÃO

Candidatos do Partido Socialista Brasileiro

DEPUTADOS FEDERAIS

Aldenora de Sá Porto
Antonio da Costa Corrêa
Benedito França de Amorim
Bruno Aggio
Francisco de Assis Leite
Francisco do Carmo
George Washington da Cruz
Fulvio Abramo
Jethero de Faria Cardoso
José Antonio Rogê Ferreira
Nassim Daher Saad
Raul Karacik
Remo Forli

Por Soluções Revolucionarias

- Reforma agraria que liquide o monopolio particular privado da produção de generos agricolas e realize o principio A TERRA AQUELES QUE A LAVRAM.
- Monopolio do poder estatal nos serviços publicos; desapropriação pelo custo historico.
- Assistencia medico-hospitalar e dentaria gratuita para toda a população.
- Reforma urbana que possibilite aos inquilinos a aquisição das moradias que ocupam; extinção da especulação imobiliaria.
- Aumento de tributos sobre rendimentos elevados; generos de primeira necessidade isentos de tributação.
- Participação dos empregados na direção e nos lucros das empresas dirigidas pelo Estado.
- Toda a verba do Estado destinada à Educação para a Escola Publica; extinção do analfabetismo e reforma de todos os cursos.
- Respeito às liberdades publicas. Imediata extinção do DOPS. Garantia às atividades das associações de classe, sindicatos e Ligas Camponesas.

Ao lançar o nome do deputado Cid Franco como candidato ao governo do Estado de São Paulo, pretendeu o Partido Socialista estabelecer um contraste entre o seu candidato e os apresentados pelas classes reacionarias. Aos conhecidos politiqueiros, os mesmos que vêm há longos anos embaindo os eleitores mais desavizados, traindo-os constantemente, fieis quando muito ao servilismo com que se subordinam aos interesses da burguesia, contrapõe-se agora uma figura impoluta, sob todos os aspectos, um homem provado na defesa das causas populares.

Desde a sua juventude o companheiro Cid Franco abraçou a idéia do socialismo e jamais desertou da trincheira livremente escolhida. Professor, jornalista, radialista e escritor de inegavel prestigio, seu nome se veio impondo pela honestidade de propositos e lisura de comportamento em qualquer das suas atividades. Em consequencia mereceu do eleitorado ser sufragado e eleito, primeiramente para a Camara dos Vereadores, e em seguida, por três vezes, para a Assembleia Legislativa, onde se vem salientando, não apenas como um dos deputados mais operosos, como tambem como um dos mais coerentes e intransigentes batalhadores da verdadeira democracia: o socialista.

Suas atitudes lhe tem valido inumeras campanhas difamatorias e tem atraido contra a sua pessoa o mais encarniçado odio da reação, inclusive a agressão fisica. Nem por isso, porem, conseguiram os seus inimigos, que, de resto, são os inimigos do povo, dobrar o intimorato lutador.

Portanto, votar em Cid Franco é votar no unico candidato digno da confiança popular.

FOLHA SOCIALISTA

Editado pela Comissão Executiva Regional de São Paulo do PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO — Redação: Praça Carlos Gomes, 109 — Tels.: 33-9784 e 36-7825 — Dire. Resp.: Antonio C. Corrêa — Cr$ 15,00

ANO XIII — JUNHO DE 1962 — NUMERO 126

Candidatos do Partido Socialista Brasileiro

DEPUTADOS ESTADUAIS

Afonso Carretti
Alfredo Braulio Campos
Alvaro Vulcano
Amadeo Carlos Taborda Cristovão
Anacleto Vieira da Cruz
Armando Gimenez
Benedito Teodoro Alves Filho
Bruno Aggio
Camal Schaim
Carlos Gomes Ribeiro
CID FRANCO
Dalva Uchôa
Decio Silveira Pinto de Moura
Duzindo Povoas
Elias Nahum Rahal
Eulogio Rodrigues Pereira
Febus Gikovate
Francisco Cardoso
Francisco Genesio Alves
Fuad Abilio Abdalla
Gabriel Silva
Genesio Antonio Pereira
Gumercindo Martins
Helio dos Santos
Henrique Peres
João Antonio de Lima
Joaquim Jácome Formiga
Joaquim Pedro da Silva
José Gomes de Souza
José Ferraz Arruda
José Maria Camboim
Josué Batista Ramos
Levy Dias
Mario Zacharias
Mauro de Mello
Miguel Pinto Magalhães
Milton Cicero Novais Batista
Paul Singer
Pedro Lins Albuquerque Maranhão
Raul Schwinden
Rivaldo Xavier de Albuquerque
Walter Lucio Fiore
Walter Maudruzzato
Wigand Rodrigues dos Santos
Wilson Jamberg

Edgard Leuenroth
Caixa Posta, 2162
Capital

FÔLHA SOCIALISTA
PREÇO PAGO
D.R. D.C.T. - S. PAULO
EXPEDIDA PELO EDITOR

O Movimento dos Universitarios

Os estudantes brasileiros estão empenhados na que é provavelmente a mais importante luta de toda historia do seu movimento. O seu objetivo é obter uma representação de um terço nos Conselhos Universitarios e Congregações das Faculdades.

E' impossivel entender a controversia sem indagar o que é, entre nós, a "questão universitaria" em toda sua amplitude. Antes de o Brasil se industrializar, isto é, até os começos deste seculo, as universidades serviam basicamente para formar os juristas e politicos profissionais, que forneciam um verniz de "cultura" ao dominio social e politico dos latifundiarios, que constituiam a camada dirigente do País. Formavam-se, principalmente, bachareis de Direito, que se tornavam deputados e ministros, juizes e poetas, jornalistas e altos burocratas, historiadores e economistas, filosofos e professores. O que havia de ciencia — e não era muito — praticava-se nas Faculdades de Medicina. A tecnica era escassa e pouco solicitada e os poucos engenheiros que se faziam necessarios, geralmente estudavam na Europa. A clientela atendida pelos profissionais liberais era restritissima: a grande maioria de analfabetos, não lia jornais ou livros, não tomava conhecimento das disputas juridicas, nem tinha meios para utilizar os serviços dos medicos; para isso havia curandeiros, pais de terreiro etc.

A industrialização mudou este quadro: as cidades cresceram, surgiram fabricas e usinas, com suas necessidades de mão de obra qualificada e semiqualificada. O papel da Universidade tinha, forçosamente, que mudar. A nova camada dominante — a burguesia nacional — começou a exigir quantidades crescentes de tecnicos. As escolas de Engenharia passaram a monopolizar as atenções. Mas a industria exige não somente engenheiros, mas um grande numero de pessoas, pelo menos alfabetizadas, ou com um minimo de cultura geral: operarios especializados capazes de ler e entender instruções e desenhos, pessoal de escritorio, vendedores, propagandistas etc. Era preciso ampliar e melhorar o ensino primario e medio e para tanto formar professores de melhor nivel. Criaram-se então as Faculdades de Filosofia, para formar, de um lado professores secundarios e do outro cientistas (quimicos, fisicos geologos), para a industria. As universidades cresceram, as faculdades se multiplicaram. A população urbana, em grau crescente, passou a recorrer ao medico, ao dentista (ainda que através das caixas, IAPs etc), ao advogado. O publico que lê, pelo menos jornais e revistas, aumentou. O profissional liberal passou, enfim, a atender uma maior parcela da população.

A Universidade, como tal, acompanhou esta mudança de forma lenta, hesitante, e com muitas resistencias. A sua estrutura continuou oligarquica, como era a do País todo até há 50 anos. O professor manda no aluno, o catedratico no assistente. Formou-se no corpo da Universidade uma casta dominante, à qual a Constituição garante vitalicidade: a casta dos catedraticos. Conquistada uma catedra, por concurso ou nomeação, o seu titular é irremovivel: pode ensinar bem ou mal, pode escolher os assistentes que quiser, competentes e incompetentes, pode aprovar e reprovar os alunos por merito, por simpatia, por preconceito de raça, côr, religião ou ideologia politica. Como quer que aja, nada o atinge. E' obvio que em numerosos casos os catedraticos constituem autenticos obstaculos ao progresso do ensino academico. Mas, perguntar-se-á, não o são eles escolhidos por concursos de provas e titulos? São, sem duvida. Mas quem julga os concursos de catedras? Outros catedraticos, que na maioria das vezes são vitimas de preconceitos politicos e sociais ou agem de acordo com a solidariedade de casta. Ganham os concursos, portanto, os candidatos bem pensantes, que não professam ideologias "exoticas" ou ideias "perigosas", ou os que têm padrinhos poderosos nas Congregações e Conselhos Universitarios.

Mas não são apenas os catedraticos o unico fator de desajustamento da Universidade ao desenvolvimento do País. Embora grande parte da população do País já esteja em condições de solicitar o auxilio do medico, do dentista, do engenheiro, do arquiteto etc., e embora uma cidade queira estudar, as nossas parcela ponderavel da nossa mo- universidades se constituem não só para formar "elites" mas para que estas atendam apenas às "elites". As Faculdades se recusam crescer, embora o numero dos que batem às suas portas cresça sem cessar. A desculpa é de que não se pode prejudicar o "nivel" do ensino. No fundo o que há, porem, é puro reacionarismo dos que querem manter uma escassez de profissionais liberais para que estes possam manter seu "status" social elevado. Então, perguntam os senhores catedraticos, o que vai ser (de nós) se qualquer um puder ser advogado, ou medico, ou engenheiro, ou economista? Tem que haver poucos (isto é, nós e os nossos) e bons.

E' por isto — e por outros motivos que aqui não cabe abordar — que os estudantes lutam pela Reforma Universitaria Mas esta é uma luta que interessa não só aos estudantes, mas principalmente aos que estão fora das Universidades, porque dela depende, em boa medida, o desenvolvimento do País. Esta luta é, por outro lado, um aspecto da luta de classes. Estudantes e professores representam, nesta area restrita, o que os trabalhadores e a burguesia representam no plano nacional.

O que deseja a burguesia da Universidade? Que ela lhe forneça mão de obra barata e obediente. Para que ela seja barata, é preciso que se produzam profissionais que estejam instruidos estritamente no que a industria deles precisa. Não se quer cientistas, mas tecnicos. Os engenheiros devem saber traduzir projetos estrangeiros e adaptá-los. Os sociologos devem estar aptos a funcionar em agencias de propaganda, os assistentes sociais nos departamentos de pessoas, os economistas nos departamento de contabilidade. Para que esta mão de obra, afinal de contas apenas um pouco mais especializada, seja obediente e não crie problemas, é preciso que o estudante se forme sob o mais rigido principio de autoridade, que cultua o principio da autoridade: do pai sobre o filho, do professor sobre o aluno, do patrão sobre o empregado, do governo sobre o cidadão. E' por isso que a burguesia é contra uma Reforma Universitaria, que se faça de baixo para cima, que os estudantes imponham à casta professoral. A burguesia quer que o ensino se torne mais eficiente, mas apenas de um angulo tecnico muito estreito; ela confia nos catedraticos para impedir que os estudantes sejam inoculados por ideias "nocivas". Ela quer que o numero de vagas nas Faculdades cresça, mas apenas na medida em que ela tem necessidade de "mão de obra universitaria". Que grande parte da mocidade, isto é, quase a totalidade, esteja privada do direito de estudar, pouco lhe importa. O que lhe importa é ter que pagar salarios mais altos a profissionais especializados (engenheiros de motor a explosão, economista especializado em contabilidade de custos, quimicos metalurgistas), que são poucos. A burguesia prefere que a Universidade forme estes especialistas, e em bom numero, de modo que a concorrencia, entre eles, por um numero restrito de lugares na industria, permita remunerá-los pior.

Mas o que é que os trabalhadores do campo e da cidade desejam da Universidade? Eles desejam, antes de tudo, que ela forme intelectuais capazes de mostrar para o País o caminho que lhe permita sair desta situação semicolonial em que se encontra. Cientistas capazes de entender as necessidades do povo — não só as imediatas, mas tambem as historicas — e com animo para lutar pelas soluções que se fazem indispensaveis. Medicos capazes de elaborar programas de saude publica, para uma medicina socializada. Engenheiros capazes de orientar a exploração de nossas riquezas naturais, em beneficio do Brasil. Arquitetos capazes de lutar pela melhoria da moradia popular. Economistas capazes de denunciar a exploração imperialista de nossa economia e as consequencias da manutenção de nossa arcaica estrutura agraria. Sociologos capazes de enxergar a direção geral em que a luta de classes pode levar o País ao progresso ou à estagnação. Professores capazes de ensinar ao jovem operario ou camponês que ele é um Homem, e como tal não deve se deixar explorar nem oprimir por ninguem.

Não queremos dizer com isso que o papel do profissional liberal seja exclusivamente politico. E' obvio que o ensino universitario deve preparar convenientemente profissionais habilitados a prestar serviços de alto nivel. Mas não é a isto que se resume o papel da Universidade, principalmente num País como o nosso. Ela tem que ser um cadinho de ideias, capaz de produzir homens que ajudem o País a sair desta situação de semicolonia, em parte feudal, em que ele se encontra. A realização da Revolução Brasileira é tarefa da classe operaria em aliança com as massas exploradas do campo. Neste processo os intelectuais e a Universidade tem um papel a desempenhar: o de catalizador que faça com que a penuria da maioria se transforme num movimento que imponha as mudanças de estrutura que o País necessita.

Isto nos parece ser o centro da "questão universitaria". A Reforma Universitaria não pode ser feita apenas com mudanças em estatutos, regulamentos ou curriculos. Ela tem que significar uma transferencia de poder dos catedraticos conservadores, alguns mesmo antidiluvianos, no que se refere às más ideias cientificas e politicas, aos jovens, cuja ansia de saber, cuja capacidade de se indignar face a injustiças, cujo desrespeito por dogmas estabelecidos é garantia de que saberão orientar a Universidade por sendas mais adequadas ao desenvolvimento do País. Andam muito bem os estudantes ao exigir, como primeiro passo para a Reforma Universitaria, a participação na direção das Universidades e Faculdades, na proporção de um terço. Sem esse primeiro passo, todos os demais serão impossiveis.

Paridade na Universidade: Experiencia na Faculdade de Filosofia de S. José do Rio Preto

JOSE' DE ARRUDA PENTEADO

Uma das reivindicações fundamentais da greve dos universitarios brasileiros está na exigencia da participação dos alunos, com direito a voz e voto, na vida administrativa universitaria. Representa tal reivindicação, aprovada em memoraveis conclaves dos estudantes universitarios do País, o inicio positivo do processo de democratização da Universidade brasileira. Não querendo discutir outros aspectos importantes de grande significação para os destinos do ensino superior num País subdesenvolvido, gostariamos de informar os companheiros a respeito de uma experiencia de ensino superior no interior do Estado de São Paulo, na qual os estudantes participam, em igualdade de condições, com direito a voz e voto, em todos os niveis inerentes à vida intelectual, didatica e administrativa de um Departamento de Pedagogia.

A referida experiencia se traduz na aplicação de um regimento organizado, conjuntamente, por alunos e professores e que se destina a regulamentar o funcionamento de todas as atividades especificas dos docentes e alunos que compõem a seção de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras de São José do Rio Preto, estabelecimento de ensino superior publico do Estado de São Paulo. As sessões soberanas desse sistema estão repreentadas pelas reuniões do plenario do Departamento de Pedagogia, constituido, em numero igual, de professores catedraticos contratados, assistentes e alunos, os quais decidem, por maioria simples de votos, sobre os rumos didaticos, tecnicos e cientificos a serem tomados pelo referido Departamento.

A criação desse Departamento levou à criação de um sistema de direção coletiva, de alunos e professores, assessorado por outros organismos complementares, tais como as "comissões de entrosamento" das diferentes series do curso de Pedagogia e destinadas ao controle do desenvolvimento dos programas de ensino, previamente aprovados pelo plenario no inicio de cada ano, evitando-se, assim, disparidades e incongruencias ou repetições de temas ou assuntos comuns às materias afins. Essas comissões desempenham, portanto, um grande papel regulador das atividades docentes e discentes, pois mensalmente são apresentados os relatorios do mês que termina e a programação do mês seguinte é apresentada com as devidas indicações das leituras obrigatorias dos alunos; das provas que deverão ser realizadas; da discriminação das tarefas pertinentes às pesquisas programadas ou em andamento. Existem outras comissões especializadas e foram criadas especialmente para responder a determinadas exigencias. Assim, poderiamos indicar a Comissão de Didatica, com regimento proprio aprovado pela diretoria da Faculdade e constituida de professores e alunos e especificamente destinada a assessorar o professor de Didatica Geral e Especial e controlar, ao mesmo tempo, todas as atividades relativas à preparação didatica de profissional dos alunos.

Quanto à direção do Departamento, representado pelo seu chefe, é escolhida em pleito democratico anual, por votação de alunos e professores, em numero igual.

Em linhas gerais, tal é o sistema que vem sendo aplicado, com grande espirito de pesquisa, de renovação e de melhoria no Departamento de Pedagogia da Faculdade de Filosofia de São José do Rio Preto, objetivando, com antecipação de quatro anos uma das grandes reivindicações da greve universitaria que atinge todo País.

Finalmente, podemos afirmar, através de nossás experiencias de mais de dois anos de prática naquela unidade de ensino superior isolado que a referida experiencia tem dado excelente resultado, propiciando à criação de um clima de emulação e cooperação mutuas que se refletem, pouco a pouco, na formação de uma mentalidade esclarecida e critica dos alunos que passam, simultaneamente, a assumir maiores compromissos e [illegible].

O PSB ao lado dos estudantes

Nos primeiros dias de junho corrente, a CE do PSB aprovou, unanimemente, a seguinte resolução, transformada em manifesto.

"A Comissão Executiva do Partido Socialista Brasileiro manifesta seu pleno apoio aos estudantes universitarios que se preparam para deflagrar uma greve nacional pela participação dos alunos na direção das Universidades e escolas superiores. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, apesar de seus dispositivos reacionarios e antipopulares, consagra em seu texto esta reivindicação basica do corpo estudantil, sem especificar, no entanto, de que modo os estudantes deverão participar dos orgãos diretivos das escolas e universidades. A tendencia dos conselhos universitarios, inclusive o de São Paulo, é reduzir a representação democratica de nossa mocidade. Afinal de contas são os estudantes os maiores interessados no aperfeiçoamento do ensino superior e no combate aos privilegios e abusos que a atual administração universitaria, na qual o corpo discente não tem qualquer participação, tem dado lugar. E' justo e necessario que os estudantes obtenham pelo menos um terço dos lugares nos conselhos universitarios, e congregação das faculdades, para que a voz idealista e desinteressada dos moços impeça os concursos fraudulentos, a prepotencia e incompetencia de determinados professores, o empreguismo e nepotismo que campeiam em numerosos institutos de ensino superior e para que possam apoiar os elementos patrioticos do magisterio superior, que lutam pelo progresso do ensino universitario publico e o defendem contra o assalto dos mercadores do ensino, que se pretendem locupletar com dinheiros publicos às expensas do povo.

A Comissão Executiva do Partido Socialista de São Paulo manifesta ainda o seu apoio aos estudantes da Universidade Mackenzie cuja luta é clara demonstração de inoperancia da iniciativa particular pelo menos no campo do ensino superior, e aos estudantes da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, cuja revolta contra um concurso imoral bem comprova a justiça da reivindicação do estudantado brasileiro de participar de modo efetivo na direção dos institutos universitarios".

No dia 5 do mesmo mês, o deputado socialista Cid Franco leu o manifesto acima, da tribuna da Assembleia Legislativa estadual.

NOVOS DIRETORIOS MUNICIPAIS

SANTO ANDRE'

Pres. — ALAOR CAFFE' ALVES — funcionario publico; vice — AUGUSTO TEODORO E SILVA — vendedor pracista; sec. geral — FRANCISCO DE ASSIS OLIVEIRA BRANCO — corretor; tes. — JOÃO PANCHO — comerciario; 1.o sec. — NELSON LAPA — comerciario; sec. prop. — ASSIS RIBEIRO SOARES — estudante; sec. cult. — JOSE' VITOR JONEN — industriario; sec sind. — HELIO GUIMARÃES — industriario; sec. org. — EZIO BOLZAN VIEIRA.

DIADEMA

Pres. — GILBERTO DA CUNHA RAMOS — comerciante; vice — ANTONIO GOMES PARRA — ferramenteiro; sec. geral — CARLOS ALTHOFF — jardineiro; tes. — PEDRO CESARIO BARBOSA — ferramenteiro; 1.o sec. — PEDRO MACIEL — impressor; cultura — JOAQUIM DIAS AGUIAR — enfermeiro; sind. — JOSE' CAETANO DE SOUSA — funileiro; org. — FRANCISCO MARCELINO SOUSA — estampador; prop. — VALDOMIRO FERREIRA SANTOS — motorista.

ATIBAIA

Pres. — PAULO ALVES DE LIMA — prof. secundario; vice — JACINTO SILVEIRA — advogado; sec. geral — ELOMAR VAZ DE LIMA — funcionario publico; tes. — ALVARO VULCANO — operario e dirigente sindical; 1.o sec. — IVONE CRUZ — professora; prop. — MARIA DO CARMO S. B. LIMA — professora; cultura — GILBERTO SANTANA — acsademico de Direito; sind. — OTAVIO MAGALHÃES — operario; org. — JOÃO BATISTA MORENO — eletricista

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

EDITORIAL

A CRISE MINISTERIAL

FEBUS GIKOVATE

A crise ministerial é mais um episodio da crise de estrutura em que o País se debate desde 1930. A crise de estrutura vem se aprofundando progressivamente, o equilibrio se torna mais instavel e os episodios de agudização surgem com intervalos cada vez menores.

Nove meses apenas nos separam dos acontecimentos de agosto, durante os quais as forças da reação procuraram desesperadamente o caminho do golpe. Embora apanhados de surpresa, a classe operaria e o povo souberam improvisar a resistencia e, galvanizando a opinião democratica do País, barraram o caminho dos golpistas, que bateram em retirada a fim de escapar a uma derrota decisiva. O equilibrio instavel, momentaneamente rompido, foi restabelecido com a posse de João Goulart e a emenda parlamentarista que trazia em sua bojo novas contradições. A solução de compromisso em nada alterou a situação e só permitiu o aceleramento da crise economica, politica e social. Durante os ultimos nove meses a inflação continuou sua marcha, o custo de vida aumentou de modo intoleravel e eclodiu a mais grave crise de abastecimento, fruto da escassez, do açambarcamento, da sonegação e da especulação desenfreada. O governo faz declarações sucessivas, o presidente João Goulart assume pessoalmente a luta contra a carestia e a escassez, mas uma e outra teimam em persistir, uma vez que faltam medidas objetivas capazes de enfrentá-las.

A situação no campo se deteriora rapidamente. Os trabalhadores do campo, cansados de esperar pela reforma agraria, que todos anunciam e ninguem realiza, perdem a paciencia e se lançam à luta direta pela posse da terra. Os acontecimentos da Paraíba, de Jales e do norte de Goiás são episodios recentes e significativos.

Os trabalhadores da industria, que vêem seu poder aquisitivo reduzir-se dia a dia, preparam-se para novas lutas por aumento geral dos salarios. Os universitarios, que de há muito esperam por uma reforma capaz de pôr fim à situação de descalabro em que se encontra o ensino superior, se lançam a uma greve nacional e exigem participação efetiva nos orgãos deliberativos, visando acelerar o processo de democratização das universidades.

Neste clima explosivo deverá surgir o novo Ministerio. O povo não aceitará mais um Ministerio de composição, semelhante ao atual, um Ministerio inoperante, timido e incapaz e que, em ultima analise, ao manter o atual "status quo", está na realidade a serviço do latifundio e do imperialismo. Se excetuarmos a politica externa do ministro San Thiago Dantas e a resistencia oposta pelo sr. Francisco Mangabeira às ameaças de destruição da Petrobrás, o balanço será inteiramente negativo. O povo só aceitará um Ministerio composto de homens desvinculados do latifundio e do imperialismo e que se proponha como tarefa imediata a realização da reforma agraria radical, a limitação da remessa de lucros para o Exterior e um estatuto nacionalista para o capital estrangeiro, a ampliação do setor estatal da economia, a manutenção da atual politica externa e medidas drasticas e efetivas de combate à inflação, ao aumento do custo de vida e à crise do abastecimento.

O povo está alerta. A classe operaria e os camponeses estão dispostos à luta. Uma nova tentativa golpista e reacionaria será esmagada impiedosamente. Não haverá mais condições para soluções de compromisso.

João

Rolando Roque da Silva

João, que és branco, negro ou pardo,
ateu, agnóstico ou cristão;
João Sem Casa dos mocambos,
João Sem Terra do sertão;
João, que és um e que és dois terços
constitutivos da Nação;
João, que em vão te multiplicas,
pois que teus filhos vêm e vão
— nós afirmamos que tens fome:
os homens publicos, que não.

O sentido popular da candidatura de esquerda

Apesar da completa ausencia de recursos para propaganda, apesar do boicote cerrado da "grande imprensa", a candidatura Cid Franco vai ganhando penetração. Sustentam-no um punhado de militantes socialistas e de outros agrupamentos de esquerda, que suprem, com a sua combatividade e firmeza, a falta de recursos financeiros para propaganda.

Entretanto, ainda há largas areas da esquerda, em São Paulo, que se mostram vacilantes quanto à posição a tomar. Há muita gente viciada e deformada em seu raciocinio politico por "taticas" de acomodação com a burguesia, gente que procura iludir a si propria e iludir aos outros com formulas de "frentes amplas", através das quais seria possivel "aprofundar divergencias" nas classes dominantes, fazer com que alguns setores destas venham a tomar "posição anti-imperialista". Outros há que vacilam diante da candidatura Cid Franco, achando que ela, por falta de recursos, não poderá "ganhar as massas", não têm a menor "chance de vitoria". Começam a achar que o melhor seria seguir o velho caminho do "menor mal", quer dizer, escolher, entre os varios candidatos burgueses, que tenham possibilidade de vitoria, o "menos ruim".

Apesar disso, prosseguimos com a candidatura socialista e a levaremos até o fim, com firmeza, com confiança nos setores mais esclarecidos da classe operaria, do campesinato, dos grupos universitarios e de intelectuais. Achamos que, na conjuntura atual, de crise, quando a burguesia toda se mostra unida e aliada ao imperialismo, na defesa dos seus interesses comuns, de classe, apesar das aparentes divisões manifestadas através das diversas candidaturas, constitui verdadeira insensatez pretender atrelar a classe operaria, a intelectualidade, o campesinato, a qualquer "esquema" politico da burguesia paulista, seja em torno de JB, em torno de Ademar ou de Janio. A posição de "escolha do candidato menos ruim" entre os varios candidatos das classes dominantes, poderia ter algum sentido há alguns anos. Na conjuntura atual ela é uma posição falsa, oportunista, que se choca violentamente com os sentimentos e o pensamento dos setores operarios mais esclarecidos e da intelectualidade de esquerda.

E' importante que as esquerdas, na conjuntura atual, realizem uma campanha eleitoral independente, com linguagem propria, denunciando a decomposição do sistema que aí está, a incapacidade das classes dominantes, aliadas ao imperialismo para resolver os problemas prementes com que se defronta o povo atualmente — inflação, alta vertiginosa dos preços, carencia de produtos, doença, falta de escolas, falta de amparo à infancia e à velhice e outros semelhantes. O fundamental não é "ganhar a eleição" como pensam os politicos burgueses, que objetivam o poder pelo poder, simplesmente, e sim realizar uma campanha clara, de sentido educativo, preparando as massas populares. E eleição deve ser encarada apenas como um episodio da luta politica, onde há melhores oportunidades para se comunicar às massas populares a posição dos militantes de esquerda.

Esse é o sentido que tem e terá a candidatura Cid Franco, destinada, antes de mais nada, a abrir uma prespectiva para aqueles trabalhadores, camponeses, estudantes e intelectuais que sentem a necessidade de mudar isso que aí está!

A recusa de San Thiago Dantas

A Camara de Deputados recusou a indicação de San Thiago Dantas para primeiro-ministro. Já era esperado este resultado. A maioria da Camara é composta de banqueiros, latifundiarios, grandes industriais ou aventureiros negocistas. E esta gente tem de ser necessariamente contra qualquer reforma na estrutura atual. Da permanencia do atual estado de coisas depende a continuação da farra atual, dos grandes lucros astronomicos, da sociedade com o imperialismo norte-americano. Qualquer reforma, pois mais timida que seja, aparece, para essa gente, como qualquer coisa cheirando a enxofre, que vai tocar nos "sagrados" direito da propriedade.

Mas a recusa de San Thiago Dantas foi, antes de tudo, uma demonstração de burrice da burguesia brasileira, da sua total falta de compreensão dos seus proprios interesses de classe, na conjuntura atual. San Thiago Dantas, repetimo-lo, é o tipo do homem que deveria convir à burguesia brasileira, na situação atual. Acenando com algumas reformas superficiais, poderia aquietar o povo, que dá demonstrações de impaciencia e desespero ante o agravamento acelerado da crise economica. Na falta de um governo de orientação reformista, o povo é colocado diante de um aparelho estatal clara e definitivamente comprometido com as classes dominantes, responsaveis pelo atual estado de coisas. A falta de autoridade moral e politica do governo legitima quaisquer ações do povo, na tentativa de resolver, pelos proprios meios, os problemas cruciantes que o desesperam. E o povo brasileiro é pacifico até o ponto em que não se sente ameaçado nos direitos minimos dos seres humanos — alimentação, habitação, criação dos filhos e manutenção de sua saude.

Mas a alta burguesia brasileira e seus representantes no Parlamento confiam em que, em caso de necessidade, aí estão as Forças Armadas, servindo de guarda pretoriana do poder economico, e em ultimo caso, se os soldados brasileiros se recusarem a cumprir o seu "dever" de garantir a farra dos magnatas e latifundiarios, sempre há a possibilidade de recorrer ao exercito norte-americano...

Nesse episodio da recusa de San Thiago Dantas, que serviu como uma especie de divisor de aguas, é preciso que todos marquem bem as posições dos partidos politicos e dos deputados que votaram. Por exemplo: a UDN ficou definitivamente marcada como o partido mais reacionario, ou, pelo menos, do reacionarismo mais estupido. Sujeitos que faziam demagogia "nacionalista" ou "trabalhista", como o sr. Dagoberto Sales e o sr. Harry Normanton, ex-ferroviario, de São Paulo, ficaram marcados como picaretas a serviço da plutocracia paulista. A bancada de São Paulo votou quase em massa contra San Thiago Dantas. Isso quer dizer que, nas proximas eleições, se chegarmos até lá, em processo pacifico, é preciso que se faça uma limpeza em regra, atirar no lixo todo esse entulho reacionario que São Paulo mandou para a Camara, nas ultimas eleições...

RESOLUÇÃO DA C.E. NACIONAL

O PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO, em reunião conjunta de seus deputados federais e sua Comissão Executiva Nacional, sob a presidencia do Sr. João Mangabeira, em face da atual situação politica, resolve:

1.º — Resguardada a sua independencia de critica, reafirmar o apoio que vem dando ao presidente da Republica, sr. João Goulart, seu candidato na ultima eleição presidencial, e que, no "parlamentarismo hibrido" engendrado pelo Ato Adicional, tem apesar disto, no que lhe cabe, conseguido dirigir o País com prudencia e serenidade.

2.º — Não colaborar na formação do novo Gabinete, como não participou na criação do atual, embora ressalve o seu proposito de apoiá-lo no combate a qualquer movimento tendente a enfraquecer ou destruir a democracia bem como àquelas medidas destinadas: a) a conter a alta do custo de vida que asfixia o povo; b) a manter a atual politica exterior; c) a sustentar o monopolio estatal das fontes de energia; d) a defender a Petrobrás contra os assaltos dos trustes e seus agentes; e) a imediata reforma agraria, visando eliminar o latifundio e suas consequencias economicas e sociais; f) a disciplinar a remessa de lucros para o Exterior; g) a combater a inflação; h) a regular o direito de greve.

3.º — Lutar para que, pelos meios legais, se realize a 7 de outubro vindouro, o plebiscito pelo qual o povo brasileiro decida se prefere o presidencialismo, para a escolha, pelo seu voto, do presidente da Republica, governadores e prefeitos municipais, ou o parlamentarismo, sobre o qual não foi ouvido, manipulado à sua revelia, em Brasilia, e pela madrugada, sob falso pretexto de ameaça de uma guerra civil para implantação da ditadura.

4.º — Em qualquer dos casos, pleitear modificações que tornem tais regimes adaptados às condições atuais e peculiares do País e às transformações do nosso tempo, no sentido de assegurar a emancipação economica e social do povo brasileiro.

MANIFESTO AOS ESTUDANTES

O povo de São Paulo vai participar, no dia 7 de outubro, das mais importantes eleições no Estado. Pela primeira vez, na história politica de São Paulo, surge um candidato lutando, consequentemente, contra o poder economico, contra o imperialismo, contra a exploração feudal no campo. Este candidato é o deputado CID FRANCO, que tem demonstrado sua coerencia, mantendo uma luta sem treguas por uma reforma agraria radical, contra a dominação imperialista e contra o poder economico.

No plano estudantil, CID FRANCO, que tem lutado, lado a lado, com os estudantes, em suas lutas politicas e reivindicatorias, inscreve no seu programa aperfeiçoamento da rede de escolas publicas, destinando-lhes a totalidade da verba do Estado para educação, aumento do numero de vagas no ensino superior e concessão debolsas de estudo a estudantes pobres; rigoroso cumprimento da lei CID FRANCO que estabelece preferencia de matricu- pobres; rigoroso cumprimento tabelecimentos oficiais de ensino, reforma universitaria, com a participação de estudantes na direção dos Institutos da Universidade de São Paulo; democratização e socialização do ensino; vencimentos condigno para os professores sem sobrecarga de aulas; constituição de fundo para financiamento de material escolar para estudantes pobres; plano de erradicação do analfabetismo no Estado no proximo quadrienio; amparo e incentivo ao esporte amador e a educação fisica.

Dessa forma, os estudantes de São Paulo, compenetrados de sua responsabilidade perante o povo do qual são parte integrante, devem empenhar-se a fundo na eleição de CID FRANCO, enfrentando os banqueiros fazendeiros latifundiarios, carreiristas e capitalistas estrangeiros que se organizaram em torno dos candidatos das classes dominantes.

A eleição de CID FRANCO é um imperativo da consciencia politica do povo de São Paulo — quer dizer, uma solução popular, democrática e revolucionária para os problemas do povo.

UNIVERSITARIOS SOCIALISTAS

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Plano Socialista Contra a Carestia

1 — Onde está o feijão? Onde se pode conseguir arroz? A quanto vai ficar o açucar? E a carne? E o leite? Estas perguntas constituem hoje o martírio diario da dona de casa. Não da dona de casa grã-fina da "familia cristã", como diz o Julião), que manda a empregada comprar no mercado negro, onde tudo se encontra. Mas da dona de casa operaria, que precisa ir à feira com o salario contado do marido e ainda precisa sobrar algum, para pagar a conta da venda, do açougue, e, de vez em quando, da farmacia.

Por que esta carestia, que tantos sofrimentos causa? Se todo o mundo diz que é contra, como é que ela persiste? Os jornais falam em inflação e, de fato, a inflação existe. A inflação é um meio de o governo pagar as contas para as quais não possui dinheiro e isso à custa dos consumidores, a grande maioria dos quais é constituida pelos trabalhadores das cidades e dos campos e suas familias O meio de o povo se defender da inflação, é lutar pelo aumento de salarios. E se os preços aumentam muito depressa, E' PRECISO NÃO ESPERAR UM ANO (prazo de duração do contrato de trabalho), para elevar os salarios, mas fazer com que eles aumentem com a mesma velocidade com que crescem os preços, e isto é ESCALA MOVEL DE SALARIOS.

CAUSAS

Mas a carestia de que todo o mundo fala não é causada só pela inflação. **É causada, também, pela especulação, pelo açambarcamento, pelos que amealham fortunas colossais à custa da miséria do camponês e da fome do trabalhador.** Como é que eles conseguem fazer isso? Em primeiro lugar, pouco antes da colheita os atravessadores chegam aos camponêses e se propõem a comprar a colheita ainda no pé. O lavrador, nessa ocasião, está com muita precisão de dinheiro. Os bancos privados não lhe emprestam, porque é muito maior vantagem atender aos comerciantes (inclusive os próprios atravessadores) que pedem dinheiro para prazos mais curtos e pagam juros maiores. Os bancos do Governo (Banco do Brasil, Banco do Estado de São Paulo, etc), tambem não têm muito dinheiro para emprestar ao homem da terra, porque boa parte dos seus recursos é desviada para financiar empresas imperialistas, como a Light, por exemplo. Então o camponês vende a colheita ao atravessador a preço de banana, pois se acha com a corda no pescoço. Às vezes o intermediário é uma usina de acucar ou de laticinios, ou ainda fábrica de óleos, que escorcham o camponês, como ainda aconteceu, recentemente, com o algodão e o amendoim na região da Sorocabana.

Em segundo lugar, os atravessadores colocam os generos assim comprados em armazens, à espera de que o preço deles suba. Utilizam-se para isso inclusive dos armazens e silos da CAGESP (Companhia de Armazens Gerais do Estado de São Paulo) que é do Governo do Estado. Eles foram construidos com o dinheiro arrecadado do povo e no entanto servem para esfomear este mesmo povo.

SURGEM ENTÃO A COFAP E AS COAPS

Neste momento entram em cena a COFAP e a COAP. Estes órgãos têm a função de fixar os preços dos generos de consumo popular. A principio, para não ficarem inteiramenae desmoralidados, os homens da COFAP e da COAP pretendem segurar os preços. **Aí então os generos desaparecem e surge o mercado negro.** A COFAP e a COAP têm poderes legais para expropriar as mercadorias sonegadas e vendê-las ao povo aos preços do tabelamento. Podem fazê-lo se... puderem achá-las.

Mas com que roupa? A COAP possui, para o policiamento economico de todo o Estado apenas doze fiscais e quatro veiculos. Desta maneira sua ação é inteiramente ineficaz e depois de alguns angustiosos dias de falta de um ou outro genero essencial, o plenário da COFAP constata que a situação é de calamidade publica, e cede, aumentando os preços, que é exatamente o que os atravessadores querem. Aí, como por encanto, surgem as mercadorias em abundancia, embora a preços proibitivos para a dona de casa operária.

Como se vê, o sistema é muito bem armado: o atravessador, o comerciante, o industrial — isto é, o capitalista — enriquece; o governo lava as mãos, escudado atrás de suas ridiculas comissões de preços e abastecimento; e o camponês e o trabalhador — isto é, o povo — pagam, passam fome e miséria.

ORGANIZEMOS NOSSA DEFESA

2 — Que se pode fazer para defender o povo destes "sistema" que o esmaga? Antes de tudo colocar, no governo, homens que estão o lado do trabalhador da fábrica, do campo, do comércio, dos transportes e não ao lado dos donos das fábricas, dos latifundios, dos bancos. Porque só quem é contra os patrões pode estar ao lado dos trabalhadores. Só um governo desta espécie é que se disporá a tomar as medidas indispensáveis para defender a economia do povo: expropriar as usinas de açucar, de laticinios, os frigorificos e as fábricas de gorduras alimenticias (azeite, margarina, etc); comprar diretamente os produtos do lavrador e vendê-los ao povo através de entrepostos do proprio governo ou de cooperativas de consumo dos trabalhadores; utilizar, enfim, o CEASA (Centro Estadual de Abastecimento) e as facilidades da CAGESP a favor do povo de São Paulo e não de meia duzia de magnatas que enriquecem à custa da subnutrição de nossa população. Bastaria fazer isto para esmagar o "sistema" que hoje nos esmaga.

Mas, para realizar isto, o governo teria que contar com a ajuda do povo. É preciso esmagar o "sistema" e isto só pode ser feito com a colaboração ativa dos trabalhadores, estudantes, donas de casa, etc. Para tanto devem-se formar Comitês de Defesa da Economia Popular em todos os bairros, nas fábricas e usinas, nas escolas e escritórios, empresas de transporte e firmas comerciais. Os membros destes Comitês devem ser nomeados fiscais da COAP, com direito de apreender mercadorias sonegadas. Só assim é possivel acabar de uma vez com a sonegação. Pois, como é possivel fiscalizar todas as feiras, todos os armazens, todos os açougues e farmacias, com quinze fiscais ou mesmo com 150? Impossivel. Mas o camponês sabe quem comprou o seu feijão ou o seu arroz, o motorista do caminhão sabe se transportou generos e para onde, a dona de casa sabe quem sonega o açucar ou a carne, para vendê-lo acima da tabela. Mas, neste caso, poder-se-ia perguntar, porque não se denunciam estes fatos à COAP? Porque o povo não confia na COAP, e com razão. Mesmo porque, com quinze fiscais a COAP não poderia verificar nem um décimo das denuncias. Já se sabe que certos comerciantes "espertinhos" costumam fazer denuncias falsas, dasviando a atenção dos fiscais da COAP, para poderem praticar a sonegação com mais sossego. Enquanto os fiscais corriam que nem baratas tontas para apurar denuncias falsas, os "espertinhos" escorcham a população com toda a tranquilidade.

A FISCALIZAÇÃO PARA AS MÃOS DO POVO!

É preciso entregar a defesa da economia popular ao próprio povo. É preciso formar os plenários da COFAP, COAP e COMAP com operários, donas de casa, camponeses e estudantes. É preciso tornar cada trabalhador um fiscal dos órgãos que lutam contra a sonegação, um soldado da autodefesa do povo contra o esfomeamento.

Propomos este plano aos sindicatos, sociedades de amigos de bairro e vilas operárias, gremios estudantis, associações de lavradores. Ele é simples e pratico. Exige a mobilização de dezenas de milhares de voluntarios para a luta contra a carestia, mas ninguem duvide que o numero dos que se apresentariam seria de centenas de milhares. Ele é democratico, pois, se democracia significa que todo o poder vem do povo, é preciso que o povo tenha o poder de se defender contra a fome e a miséria.

Propomos este plano aos candidatos ao governo de São Paulo. Da resposta de um, não temos duvida. Cid Franco, candidato dos trabalhadores do campo e da cidade, é favoravel a um plano desta espécie e, se eleito, o porá em prática. E os demais? O usineiro José Bonifacio deixará que os trabalhadores achem o acucar? E o milionario Ademar de Barros entregará às donas de casa autorização para confiscar o feijão, ainda que seja nos armazens dos seus notórios amigos, os açambarcadores? E o latifundiário Auro Soares de Moura Andrade, permitirá que os camponeses ponham a mão na carne, quando estiver sendo sonegada? E, por fim, mas não por ultimo, o valente sr. Janio Quadros, que não consegue resistir às "forças ocultas", terá a coragem de entregar ao povo a luta contra a carestia?

Aqui ficam estas perguntas e cabe ao povo responder. Mas uma coisa é clara: ou o povo toma em suas mãos a luta contra a carestia ou ela continuará florescendo, pois toda conquista popular sempre foi e sempre será obra do próprio povo.

PAUL SINGER

EM FAVOR DOS POVOS DE PORTUGAL E DA ESPANHA

No dia 27 de maio p. passado, no Teatro Paramount, de São Paulo, realizou-se grande manifestação de solidariedade com os povos de Portugal e da Espanha e com os movimentos dos operarios espanhois e dos estudantes portugueses, ora em luta aberta contra os regimes fascistas que oprimem os dois paises ibericos. A manifestação foi promovida por um grupo de entidades que formaram amplo Comitê, presidido pelo deputado socialista Cid Franco, candidato da esquerda ao governo do Estado. Falaram na ocasião representantes de todas as correntes politicas, dos estudantes e dos exilados espanhois e portugueses. Estiveram presentes os srs. Luís Carlos Prestes, pelo Partido Comunista Brasileiro; deputado federal Ivete Vargas, pelo Partido Trabalhista Brasileiro; Paulo de Tarso, pela ala avançada do Partido Democrata Cristão; Febus Gikovate, pelo Partido Socialista Brasileiro; deputado estadual Rocha Mendes, pela Assembleia Legislativa do Estado; vereador João Lousada, pela Camara Municipal de São Paulo, e outros. Foram pronunciados numerosos discursos, todos de exaltação da resistencia dos povos ibericos contra o dominio brutal das ditaduras de Salazar e Franco. A manifestação constituiu um verdadeiro brado de protesto contra as condições de escravidão em que se encontram portugueses e espanhois. O clichê fixa um flagrante da solenidade, quando o deputado Cid Franco, presidente do comitê organizador pronunciava seu discurso (de pé, ao centro). Aparecem, da esquerda para a direita, os srs. João Lousada, vereador à Camara Municipal paulista; Leo Passtori, pela UNE; Antonio Gordiola, da Oposição Espanhola; Luís Carlos Prestes, secretario geral do Partido Comunista Brasileiro; general Humberto Delgado, da Oposição Portuguesa; Febus Gikovate, do Partido Socialista Brasileiro; deputado estadual Rocha Mendes e, depois do sr. Cid Franco, os deputados Germinal Feijó e Rogê Ferreira e a sra. Dolores Vassão, secretaria do Comitê Ibero-Americano Pró-Anistia aos Presos Politicos de Espanha e Portugal.

DEMOCRACIA PARA OS RICOS

Na sessão de 7 de junho p. passado, da Assembleia Constituinte, o deputado Cid Franco pronunciou as seguintes palavras:

"Srs. deputados, quando chegar o dia de os camponeses tomarem as terras que lavram e de os operarios tomarem as fabricas onde trabalham, realizando eles mesmos a reforma agraria e a reforma urbana, deixaremos de ver o absurdo que hoje vemos: ricaços gastando milhões e milhões de cruzeiros para a conquista de uma cadeira de legislador.

Um deles, grande usineiro, candidato a deputado federal, derrama pela capital e pelo Interior uma propaganda que revolta, que não pode deixar de revoltar os pobres que conhecem a sua fortuna e as suas ideias.

Vai eleger-se? Talvez. Que fará no Parlamento? A defesa de sua classe, de seus negocios, de seus interesses, que são os do capitalimo.

Será colega de outros ricaços que lá se acham no Congresso Nacional, atualmente com imensa percentagem de banqueiros, fazendeiros, usineiros, grandes industriais, grandes comerciantes.

Assim composto, o Congresso não realizou até hoje as chamadas "reformas de base". Realizará na proxima legislatura? Não creio. Não creio porque todos os meios de divulgação estão sendo usados pelos ricos, em defesa de seus interesses, com uma linguagem a que não falta a mistificação, o embuste, a malicia, a esperteza.

Há candidatos pobres que não podem fazer sequer chegar a noticia de sua candidatura a todas as regiões do Estado.

E' por isso que devemos considerar a nossa democracia, ao invés de "governo do povo, pelo povo e para o povo", governo dos ricos, pelos ricos e para os ricos.

E eles se dizem cristãos!... Mas foi o proprio Cristo que usou esta linguagem revolucionaria para a sua epoca e ainda para a nossa" E' mais facil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino do céu".

Nada mais por hoje, srs. deputados". (Muito bem!)

REFORMAS DE BASE

ANTONIO COSTA CORRÊA

Na reunião de governadores de Araxá, repetiu-se a cantilena em torno da "necessidade urgente de reformas de base" no Brasil. Mas, como em todas as manifestações saidas de conclaves de politicos burgueses ou de esferas governamentais, evitou-se especificar quais seriam as "reformas" consideradas urgentes e o modo de levá-las à pratica.

Essa questão de "reformas", na realidade, já está se tornando monotona. Tem sido até objeto de piadas. Já vai para um ano, mas até agora não se vê nada de positivo. Alguns timidos e modestos projetos de reforma agraria apresentados no Congresso ali dormem, nas gavetas, e fora disso não se sabe de providencia alguma. Todo o mundo sabe que o atual Congresso, constituido, na sua grande maioria, de ricaços e oportunistas gozadores de posições, não tem condições para empreender qualquer reforma seria, capaz de tirar o Brasil do atoleiro da crise em que se encontra metido. Todo o mundo sabe, tambem, que as classes dominantes brasileiras não desejam reforma alguma, estão tomadas de verdadeiro panico ante a possibilidade de que o desencadeamento de um processo "reformista" atinja seus privilegios de classe. E essa gente é que comanda a politica brasileira. Por isso, todo esse palavreado em torno de "reformas de base", cheira a demagogia e as massas populares o sentem instintivamente.

RECEITA BURGUESA: PACIENCIA...

O fato evidente é que a crise economica vai se acentuando, mostrando que a estrutura do sistema está rachando e não poderá aguentar por muito tempo mais. A inflação toma ritmo cada vez mais acelerado, os preços sobem de forma vertiginosa, a instabilidade atinge toda a sociedade. Em consequencia, as massas populares começam a dar sinais de impaciencia e desespero, porque sobre elas recai todo o peso da crise. Então para acalmar, ou, pelo menos, tentar acalmar, as massas populares, fala-se em "reformas de base", como que dizendo: "Tenham um pouco de paciencia, que estamos tratando de resolver a situação e logo as coisas vão melhorar"...

O Brasil, na realidade, não necessita de uma vaga superficial "reforma", e sim de uma revolução em toda a sua estrutura economica e social. Revolução que será pacifica ou violenta, conforme a resistencia que a ela opuzerem as classes dominantes e os trustes estrangeiros, sustentaculos da atual situação, mas revolução inevitável, sem a qual não se poderá resolver a crise economica e social que avassala o país.

MUDANÇA DOS DIRIGENTES

Hoje é um fato claro, de clareza meridiana, que somente os gosadores da riqueza facil, os ignorantes ou os elementos retrógados da sociedade, encastelados em seus privilégios, não querem reconhecer: nos paises de desenvolvimento economico retardado, como é o Brasil, não é possivel acelerar o desenvolvimento, a fim de superar a crise economica e social, sem uma substancial estatização da economia nacional, sem que o Estado tome conta de uma porção de atividades básicas. Mas a estatização da economia, por sua vez, exige a substituição das atuais elites politicas, apodrecidas na corrupção e na burocracia peculiares ao regime atual, em que o individuo só se realiza na sociedade pela quantidade de riqueza que possui. Porisso, mesmo, não acreditamos que qualquer "reforma" isolada resolva a situação. A "reforma" necessaria é tão profunda que é uma verdadeira revolução. Ela tem que atingir a fundo toda a estrutura economica atual do Brasil, onde impera a "livre iniciativa" mais desenfreada, sujeita a muito menor controle do que a dos Estados Unidos, o "modêlo" a ser seguido, segundo as nossas classes dominantes. Ela tem que atingir largamente toda a composição do poder politico, hoje baseado num falso sistema democratico, organizado na base de máquinas eleitorais que são instrumentos de corrupção de mistificação e manutenção de aventureiros e magnatas nas posições de comando do aparelho estatal.

REFORMA NO PLANO ECONOMICO

No plano economico a "reforma" terá que atingir todo o sistema de propriedade privada dos meios de produção, especialmente no que diz respeito à terra. Para isso é preciso reformar a Constituição Federal, como medida preliminar. Assegurar ao Estado o direito de desapropriar bens particulares, por utilidade social, mediante indenizações pagas em titulos de divida publica, ou mesmo sem indenização alguma, como no caso de empresas estrangeiras que hajam praticado ações ilicitas tais como remessas clandestinas e subfaturamentos no exterior. Dispondo do poder de desapropriar sem dispensar somas astronomicas em dinheiro, como acontece presentemente, o Estado poderá estender suas atividades economicas, planificar em escala regional ou nacional o desenvolvimento industrial e agricola.

A posse da terra terá de ser condicionada à sua produtividade social e a limites determinados. A fim de assegurar a elevação de nivel de vida no campo é essencial que o Estado assegure atravez de concessões, diretamente aqueles que nela trabalhem, beneficiando ploração da terra, beneficiando segure formas modernas de exem usufruto, de terras férteis a cooperativas de camponeses e fornecimentos modernos a estas. Da mesma forma, nas empresas industriais de interesse fundamental para o desenvolvimento economico da Nação, terá de haver larga intervenção estatal, a fim de possibilitar a concentração de recursos, a planificação, a dispersão de energias em atividades supérfluas, as competições ruinosas e outros elementos indispensáveis ao aceleramento do processo economico.

As empresas de capitais estrangeiros que sejam de interesse nacional deverão ser nacionalizadas, tais como as fábricas de equipamentos ferroviarios e maquinario agricola, outomóveis, produtos quimicos e farmaceuticos e outros. O atual sistema de "concessões" nos serviços publicos, deve ser substituido pelo monopólio total do Poder Publico, em tais serviços, especialmente no tocante a energia elétrica, telefones e comunicações, transportes maritimos, ferroviarios e fluviais e transportes rodoviarios interestaduais.

As nacionalizações terão de estender-se ao abastecimento de generos e artigos básicos de alimentação, atravez de instalação de frigorificos e usinas de leite, ou expropriação dos já existentes, entrepostos de generos, verduras e frutas para venda direta de organizações estatais ao comércio varejista e ao consumidor. Enfim, deverá ser alterada substancialmente toda a estrutura economica, a fim de se reduzir a área da "livre iniciativa" àquelas atividades das quais não dependem o desenvolvimento economico da Nação nem a alimentação do povo. A "livre iniciativa" capitalista terá de reduzir-se ao papel de mero auxiliar do desenvolvimento economico, ficando este a cargo dos orgãos do Estado, ao contrario do que sucede presentemente, quando o comando pertence aos capitalistas nacionais e estrangeiros, particulares, servindo os orgãos do Poder Publico de meros auxiliares do capitalismo privado (creditos dos bancos oficiais, construção de estradas e de usinas de energia, protecionismo cambial etc.).

No plano politico-administrativo a "reforma" não poderá ser menos radical. A estrutura atual está apodrecida, como consequencia da propria decomposição do sistema de "iniciativa privada" capitalista. Neste sistema, a motivação da conduta do cidadão é a necessidade de ganhar dinheiro, de acumular riqueza. Considerações de ordem moral ou patriotica passam a ser cada vez mais raras e debeis, na medida em que se acelera a inflação, se agrava a crise economica, se generaliza a sensação de insegurança e instabilidade social. O acesso aos orgãos fundamentais do poder politico — Legislativo e Executivo — torna-se empreendimento de magnatas, aventureiros endinheirados ou grupos financeiros poderosos e, com isso, o Poder perde a sua legitimidade perante as massas populares, essa falta de legitimidade se irradia a todo o aparelhamento burocratico, tira-lhe a autoridade civica e moral. A corrupção, a burocracia a inercia se apoderam cada vez mais dos poderes do Estado, inclusive do Judiciario. E as proprias classes dominantes, apavoradas com as ameaças de restrição que pesam no mundo atual sobre a "livre iniciativa" capitalista desenvolvem um trabalho insidioso e consciente, no sentido de auxiliar a decomposição do aparelho estatal.

UMA REFORMA RADICAL

Diante disso, dificilmente se poderá dizer qual a "reforma" de carater politico-administrativo de que necessita o Brasil, para sair do atoleiro atual. Mas todos sentimos que deverá ser uma reforma radical, capaz de afastar dos orgãos do poder as atuais falsas elites, apodrecidas e inertes e substitui-las por gente nova, dotada de um novo vigor, capaz de despertar as imensas energias criadoras subjacentes na consciencia do povo brasileiro. Podemos, quandó muito, indicar algumas linhas gerais de uma "reforma" que deverá orientar-se e concretizar-se somente no curso de um processo revolucionario, pacifico ou violento, de conformidade com as circunstancias. Será necessario, antes de mais nada, dinamizar o sistema democratico que, entre nós, está desmoralizado, paralisado, pela corrupção e pelo predominio do poder economico nos processos eleitorais O voto ao analfabeto, a votação para o Legislativo somente nas legendas partidarias, serão conquistas basicas nesse sentido. A possibilidade de destituição de parlamentares ineficientes, a fiscalização direta dos trabalhadores sobre as empresas industriais do Estado, o rigor penal sobre funcionarios corruptos ou sobre os que lesam o patrimonio da coletividade e outras medidas semelhantes, terão que ser levadas à pratica.

Tais reformas serão possiveis, no quadro politico atual? Não acreditamos. As classes dominantes brasileiras, que detêm o poder politico, através de maiorias conservadoras maciças nos orgãos do Legislativo e do Executivo, são de compreensão por demais estreita, para que seja possivel uma "revolução consentida" ou seja, uma reforma radical, nos quadros do atual sistema politico.

Elas pensam na "sua" solução para a crise atual, que é uma ditadura de tipo fascista, dirigida por alguns militares truculentos e inbecilizados pelo divorcio da realidade social, uma ditadura que "ponha ordem nesta terra", por meio da liquidação de todos os esquerdistas, repressão ao movimento sindical e estudantil, congelamento de salarios, e, em ultimo extremo, se necessario, instale aqui dentro o exercito norte-americano, o "bom gendarme" do capitalismo mundial, que lhes garantiria sossego e gozo de privilegios por uns pares de anos.

Qual a solução, afinal, para o problema da "reforma"? Deixemos que o processo caminhe, que a incapacidade das atuais classes dominantes se acentue, que a tomada de consciencia do povo se avolume. A solução virá, certame, pacifica ou violenta, mas inevitavel.

O PSB Apoiará Arraes em Pernambuco

O sr. Newton Cardoso, presidente da Secção estadual de Pernambuco do Partido Socialista Brasileiro, fez o seguinte pronunciamento:

"Na primeira manifestação oficial do PSB sobre a sucessão de Pernambuco, que fiz em janeiro deste ano, em nome da Comissão Executiva Regional, foi lembrada a necessidade de que a sucessão pernambucana fôsse examinada pelas forças politicas responsaveis, tendo em vista a situação nacional, à qual devia estar vinculada e sobre a qual, deveria influir com o seu resultado, dada a nossa posição de evidencia no Nordeste.

Advogamos a manutenção da união da frente democratico-nacionalista, que marchou junta no ultimo pleito presidencial e que na crise da renuncia do sr. Janio Quadros, defendeu na primeira hora, sem tergiversação e falso bom senso, a investidura pura e simples do sr. João Goulart, na presidencia da Republica.

Oferecemos, na oportunidade, à consideração dessa Frente, nomes dos nossos quadros, entre os quais o do deputado Barbosa Lima Sobrinho, sem prejuizo da apreciação de nomes de outros setores politicos que nos fossem apresentados. Simultaneamente com esse procedimento, surgiu da area de um partido de alta expressão politico-eleitoral do Estado, o PSD, através do seu lider, deputado Etelvino Lins, a indicação publicamente manifestada do nome de Barbosa Lima como capaz de realizar a união desejada e proclamada por toda a oposição.

Estava, pois, o PSB, estimulado para envidar seus esforços no sentido de consolidar essa indicação, não somente por uma imposição de zelo partidario, mas, sobretudo, por convicção de que o deputado Barbosa Lima, pela sua categoria intelectual e moral, sua destacada atuação na esfera parlamentar, onde seu nacionalismo lucido conquistou projeção nacional, reunia as condições necessarias para representar o denominador comum da Frente Oposicionista.

Na altura em que esse trabalho se processou, os socialistas não ignoraram, como a ninguem era dado ignorar, a penetração do nome do prefeito Miguel Arraes nos mais diversos setores da opinião publica, sobretudo nas camadas populares, mas sem a correspondente receptividade junto às estruturas partidarias da Oposição. Entendiamos nós, os socialistas, que a candidatura mais justa era aquela que saisse da conjugação das estruturas partidarias com o consenso popular.

O unico e inalteravel pronunciamento dado pelo deputado Barbosa Lima, em consonancia com nossa direção partidaria, foi claro no sentido:

a) de que não era postulante do governo do Estado, apenas, não poderia recusar que seu nome viesse representar a união das Oposições, condição necessaria para concordar com sua indicação definitiva;

b) que sua candidatura não deveria coexistir com a do prefeito Miguel Arraes, pois isto representaria uma divisão da oposição em geral e das forças populares em especial.

O Diretorio Regional do Partido, reunido para se pronunciar sobre o assunto, após demorada analise, entendeu que o quadro sucessorio do Estado estava praticamente definido com a candidatura do deputado João Cleofas de Oliveira pelo situacionismo, apoiado que fôra publicamente na Convenção Udenista pelo governador Cid Sampaio e do prefeito Miguel Arraes, pela oposição. E, nestas condições, decidiu por unanimidade tomar a opção que nossa identificação politica como membro da Frente de Oposição e ideologica em relação aos candidatos, justificava:

1.o — indicar à Convenção Regional que se realizará no dia 8 de junho, o nome do prefeito Miguel Arraes como candidato ao governo do Estado;

2.o — indicar o deputado Barbosa Lima Sobrinho como candidato ao Senado Federal;

3.o — indicar o vice-governador Pelopidas Silveira e o deputado Francisco Julião como candidatos à Camara Federal;

4.o — autorizar à Comissão Executiva a proceder entendimentos interpartidarios quanto à vice-governança, uma das cadeiras do Senado Federal, e as suplencias senatoriais e demais providencias pertinentes às composições eleitorais

Esta é a posição oficial do Partido Socialista, a quem não faltou em qualquer fase dos entendimentos partidarios, a consciencia das suas responsabilidades ideologicas e cuja clareza meridiana deixou de penetrar apenas nos porões fechados do primarismo, do sectarismo e da maledicencia politica".

Cid Franco Denuncia

Na Assembleia Legislativa de São Paulo, o deputado Cid Franco fez a seguinte denuncia:

"Srs. deputados, o coronel Stanley N. Lonning, adido militar norte-americano no Rio de Janeiro, pronunciou duas conferencias nesta capital: a primeira, no Quartel-General da Segunda Região Militar, na Rua Conselheiro Crispiniano, sobre "O progresso do Exercito dos Estados Unidos", e a segunda, na sede da União Cultural Brasil-Estados Unidos, sobre "O papel militar do Hemisferio Ocidental".

Noticia-se que, na segunda, o coronel Lonning declarou que "a missão basica do Exercito de seu país é derrotar as forças comunistas, onde quer que se manifestem efetivamente, e em qualquer tipo de guerra, seja nuclear, seja com armas convencionais, em operaçes generalizadas ou não".

Informou tambem que as forças armadas dos Estados Unidos colaboram no treinamento dos exercitos aliados em mais de quarenta paises, e mais de dois milhões de soldados já puderam beneficiar-se com a ajuda dos instrutores norte-americanos...

Haverá maior desrespeito, maior achincalhe ao principio de autodeterminação dos povos? Então a missão basica das forças armadas ianques é invadir outros territorios para combater o comunismo, é introduzir-se neles, é combater uma ideologia, é derrotar as forças que defendem essa ideologia "onde quer que se manifestem efetivamente"?

E se o povo de um país, como Cuba, derrotar o capitalismo, expulsar os trustes estrangeiros, nacionalizar empresas que sugaram as riquezas nacionais durante seculos, der terra aos camponeses, casas aos operarios, escolas a toda gente, exterminar o analfabetismo, a missão basica do Exercito norte-americano continuará sendo a anunciada pelo general Lonning?

E o principio da autodeterminação dos povos?

Por que o general ianque não diz a mesma coisa com relação a ditaduras fascistas que ainda existem no mundo? Por que fala em democracia, em liberdade democratica, em civilização ocidental, quando na verdade está falando não em governo do povo, mas em governo dos ricos, pelos ricos e para os ricos, como são os governos dos paises capitalistas?

Ou pensa o general, com as ameaças do seu poderio belico, tão inoportunas como ultrajantes, que está falando a 75 milhões de escravos que não querem libertar-se do imperialismo norte-americano?

E' preciso que s. exa. saiba que no Exercito Brasileiro, em nossas Forças Armadas e fora delas, há criaturas que não se conformam com a arrogancia e a superioridade com que vem falar-nos. Principalmente com a ameaça de guerra nuclear. (Muito bem).

Era o que devia dizer, srs. deputados".

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

FEDERICO GARCIA LORCA

A 5 de junho deste ano, Federico Garcia Lorca, se vivo, completaria 63 anos de idade. Os sicários de Franco, porém, como cuidassem de esmagar o povo da Espanha, houveram por bem reduzir, igualmente, ao silencio o poeta que melhor o interpretava. Daí o haverem assassinado num frio alvorecer, em dia e mês incertos, no longinquo 1936.

Reproduzimos aqui os dois ultimos capítulos da biografia do grande poeta, de autoria de Edgard Cavalheiro ("Garcia Lorca", Editôra Civilização Brasileira, 1956). O autor, homem de esquerda e de atitudes coerentes, faleceu nesta Capital, em junho de 1958.

Desta maneira FOLHA SOCIALISTA recorda dois aniversarios: o do natalicio do poeta e o da morte de seu biógrafo brasileiro. E assim, por extensão, presta a sua homenagem aos bravos operarios espanhóis que, em luta por aumento de salarios, abrem séria brecha na estrutura do fascismo ibérico.

Até hoje não há noticias positivas e minuciosas sobre a morte de Federico Garcia Lorca. Ninguem soube, ninguem talvez jamais saberá a verdade sobre o fuzilamento do poeta. As versões são contraditorias quanto aos pormenores, embora concordem todas num ponto: os falangistas o assassinaram, fria e impiedosamente. Uma das versões, que circula com mais visos de verdade, conta que Lorca, pouco antes de estalar a guerra civil, fôra visitar o cunhado, então prefeito de Granada. Os falangistas, como fizeram em todas as cidades tomadas de assalto, ali tambem se dirigiram à casa do prefeito e de outras altas autoridades. O intuito era um só: prendê-los e fuzilá-los, sem processos, sem nada; somente pelo gosto, muito fascista, de ver correr sangue. Com o cunhado, teriam tambem arrastado o poeta. Foi levado para uma prisão situada numa velha praça por onde, em noites de lua, o poeta costumava passar. Quando preso e pressentindo o funesto intento dos inimigos, teria dito a um companheiro de cela: "Eles podem matar-me. Mas a minha poesia sobreviverá".

Três noites depois, vieram buscá-lo. Partiu cercado pelos homens de tricornios e camisas azuis. Era uma noite de luar, "uma lua palerma e gorda, pendurada no céu como uma antecipada lampada votiva", escreve Antonio Otero Seco. Lorca contempla o céu e depois vira-se para os guarda-civis e pergunta-lhes: "E' com um luar destes que vocês vão matar-me?"

Uma bala emudeceu-o para sempre, rebentando-lhe a testa.

A primeira noticia chegou a Madri em setembro de 1936. Por algum tempo se duvidou da autenticidade dos vagos informes. Mas em outubro, respondendo a uma pergunta do "Pen Club" de Londres, autoridades franquistas diziam ignorar o lugar onde se encontrava Garcia Lorca. O brutal atentado consumara-se.

Antonio Machado, essa outra grande voz da poesia espanhola, deixou-nos um grande poema que, pela sua tocante simplicidade, é bem a reportagem daquilo que poderia ter sido o ultimo instante do amigo:

"Se le vió caminando entre fu-
[siles
por una calle larga,
salir al campo frio,
aun con estrellas, de la madru-
[gada.
Mataran a Federico,
cuando la luz asomaba.
El pelotón de verdugos
no osó mirarle a la cara.
Todos cerraron los ojos:
rezaron: ni Dios te salva!
Muerto cayó Federico!
— sangre en la frente y plomo
[en las entrañas, —
... que fué en Granada el crimen
sabed — pobre Granada! — en
[su Granada!...
.....
se le vió caminar...
Labrad, amigos,
de piedras y sueño, en el Alham-
[bra,
un tumulo al poeta,
sobre una fuente donde llora el
[agua,
y eternamente diga:
el crimen fué en Granada, en
[su Granada".

O pelotão de fuzilamento, na fria madrugada, lhe cortou a vida para sempre, cumpria a mais terrivel missão que a seres humanos poderia ser confiada... A voz que deu a ordem de "Fogo" não podia imaginar que naquele jovem de trinta e poucos anos se findava a propria Espanha. A Espanha livre e cavalheiresca. A Espanha de Goya e Velasquez, Falla e Albeniz, Cervantes e Lope de Vega. A saber da tragica noticia, Hernandez Catá comentou: "Ganhé qualquer dos partidos, a verdade é que a Espanha perdeu a guerra". Sim, emudecendo a voz mais bela e promissora da sua epoca, os homens de Franco iriam emudecer, por muito tempo, a voz da propria Espanha. Aquele rapaz que pairava acima dos partidos, tornou-se por um capricho tragico do destino, o simbolo individual da tragedia espanhola. E, por extensão, o simbolo individual do espirito sacrificado à brutalidade dos regimes totalitarios, regimes que se caracterizam pela violencia com que impedem a floração da poesia, a existencia dos poetas.

Conta Otero Seco que proximo ao local onde caiu Lorca havia um trigal. Ai foi enterrado pelos seus assassinos. Os lavradores de Granada — poetas a seu modo — desde a morte do conterraneo, não mais semearam sobre o retangulo de terra que é a sua sepultura. Assim, quando as espigas amadurecem, um jardim de papoulas, "semelhante a um tapete tinto de sangue fresco", assinala o ponto em que Federico Garcia Lorca foi sepultado. Por causa disso, muitos camponeses têm sido presos, embora sempre haja papoulas naquele pedaço de chão.

"Ainda — conclui — Otero Seco — não nasceu um tenente da guarda-civil capaz de aprisionar e de fuzilar as papoulas".

O grande milagre e a razão maior da gloria de Federico Garcia Lorca é a circunstancia de que nele foi possivel a coexistencia de um grande poeta nacional com uma grande força poetica universal. Os versos que seus patricios cantavam no fim das reuniões "republicanas", não falavam somente da Espanha, de Leão ou Castela, Granada ou Asturia: falavam a propria linguagem da poesia, que, como linguagem da musica, da pintura ou da dança, não tem fronteiras; exteriorizavam sentimentos que por pertencerem ao povo, são universais e facilmente assimilaveis tanto pelo homem da Europa quanto pelos homens da America, Africa ou Asia.

Mas a poesia de Garcia Lorca, mesmo exercendo uma função social ou socializante, não fôra construida premeditadamente para esse fim. Sua posição entre os companheiros da geração é definida. Enquanto a maioria forçava fronteiras pelas ideias politicas expressas em suas mensagens poeticas, ele as atravessava livremente, pela propria poesia, pela poesia que, acima dos grupos ou partidos, exprime sentimentos e ideias, esperanças e anseios, inquietações e pressagios.

Não há, diz Archibald Mac Leish, regras "a priori" sobre o que possa ser assunto de verso, e o homem que afirma que elas existem, ou é um academico ou é esse outro fenomeno igualmente sem importancia: um pedante revolucionario. Criticar um escritor porque escreve ou não escreve sobre assuntos politicos do dia, é correr o risco de se tornar ridiculo ante a posteridade, que pode, depois de varias gerações — quando as questões politicas já estiverem esquecidas — continuar admirando sua obra.

Discute-se muito a questão do social em arte e, mesmo a proposito de Garcia Lorca, não faltam opiniões contraditorias. A verdade, porem, é que o poeta paira sempre muito além das agitações politicas do momento. Não pertenceu a este ou àquele partido. Pertenceu, isto sim, a sua arte. Serviu-a integralmente, como homem e como artista. Se o que escreveu pode servir de estimulo ao seu povo na luta pela liberdade e pela dignidade humana, isso nada quer dizer a favor ou contra ela, ou melhor, quer dizer muito pouco. Significará, talvez, que ele foi fiel às mais puras vozes da terra, tendo conseguido por isso mesmo captar os anseios e as aspirações da sua gente, e traduzi-los em forma artistica e definitiva. Significará, em suma, que o artista foi sincero, que não se isolou do mundo, fechando os olhos às miserias que o cercavam. O fato de não ter pertencido a nenhum partido politico, não implica em outro proposito senão o de manter-se fiel a si mesmo, à sua arte. Isso, porem, está longe de ser uma fuga, um isolamento da realidade ambiente.

"Nenhum homem verdadeiro, diz o proprio poeta, acredita nessas miudezas da arte pura, da arte pela arte. Neste momento dramatico para o mundo, o artista deve chorar e rir com o seu povo... A criação poetica é um misterio indecifravel, como é um misterio o nascimento do homem... Nem o poeta nem ninguem guarda a chave do segredo do mundo... Quero ser bom, como o burro e o filosofo. Creio firmemente que se há outro mundo, terei a agradavel surpresa de encontrar-me nele. Mas a dôr do homem e a injustiça constante que dimana do mundo, e meu proprio corpo e pensamento, impedem que mude minha residencia para junto das estrelas. Sou espanhol integral, e me seria impossivel viver fora de meus limites geograficos; porem, odeio ao que é espanhol simplesmente por ser espanhol. Sou irmão de todos e detesto aquele que se sacrifica por uma abstrata ideia nacionalista, pelo simples fato de que ama a sua patria com uma venda nos olhos".

Ali está o poeta: um ser humano e nada mais. Um ser humano que vê as miserias do mundo e as compreende, e para quem as fronteiras da patria não obrigam ao exarcebado nacionalismo dos pobres de espirito, e sim à mais perfeita comunhão entre os povos. Um ser humano que o destino fizera poeta. E que nos momentos de poesia, embora jamais se olvidasse de que era um homem, não esquecia, tambem, de que era, antes de mais nada, um artista. Um artista consciente da sua arte, puro nas suas intenções.

EDGARD CAVALHEIRO

Pecado Atômico

HELENA SILVEIRA

O Conselho Estadual da Paz promoveu uma conferencia de Di Cavalcanti no Instituto dos Arquitetos, versando sobre o tema A RESPONSABILIDADE DOS INTELECTUAIS NA LUTA PELO DESARMAMENTO E PELA PAZ. Enquanto o velho Di falava e, mais tarde, durante os debates que se seguiram, me lembrei mais de uma vez do requintado intelectual da "Dolce Vita", de Fellini, que se matou matando antes os dois filhinhos como protesto perante um mundo que chegara a um tal grau de civilização que poderia autodestruir-se. Bastaria que um louco acionasse um botão...

E não pude tambem deixar de pensar naquele piloto sobrevoando os céus de Hiroshima. Levava consigo um monstruoso crisantemo, espécie de replica satanicamente engrandecida dos que estariam lá em baixo, nos pequenos jardins das gueixas. Deve ter sido com o orgulho de um demiurgo que ele atirou a flor de infinitas fosforescencias sobre Hiroshima. Sim, deveria haver orgulho no peito do piloto que fez incendiarem-se as doces flores de cerejeira num malabarismo de anjo malevolo que despejasse caos sobre o estabelecido e o lógico. No momento, é provavel que o clarão da bomba tenha tido a beleza do alvorecer do Dia Primeiro. Isso, para o piloto que comandara o drama. Ele, o drama, não teria existido senão muito depois. O eco do grito imensuravel de milhares de seres morrendo chegaria retardado, ressoasdo em acustica perversa e como se milenios houvessem passado do gesto à consumação. O que foi alado demiurgo viu que arrasou, calcinou destruiu os vestigios da vida, estigmatizou em maldição biblica. O orgulho do piloto de Hiroshima, cedeu lugar a sentimentos opostos: vergonha, remorso. E, algum tempo passado, chegou-nos a noticia de que o lastimavel pequeno deus tornou-se um eremita. Afundou-se em solidão face a face com o Cristo, em dialogos onde procuraria atenuantes para o crime. Foi apenas um pobre homem, um elo numa engrenagem toda poderosa de comando. Todavia, deve ter sentido um remorso igual ao sentido pelo primeiro homem e pela primeira mulher após a expulsão do Eden. Ele expulsava tambem os homens de uma área pré-atômica, onde podiam florir pessegueiros, onde a vida não ficava ameaçada em sua raiz. A liturgia católica tem o sacramento do batismo para lavar o homem do pecado original. O piloto de Hiroshima tornou-se monge para fazer-se perdoar do imensuravel pecado atômico. Não sei de propaganda ante-guerreira maior que essa...

E estava eu nos céus de Hiroshima, em noite de terça-feira, quando ouço o prof. Mário Schemberg declarar: — "Imaginaram os senhores que, se os terroristas da OAS tivessem a bomba atômica algum escrupulo os impediria de usá-la?" O pecado atômico, em verdade, sucedeu o pecado original. E, por enquanto, malgrado os Bertrand Russel, os propugnadores da paz, sem batismo algum para redimi-lo... Estaremos à mercê de um louco premindo um botão.

CARTA AOS IRMÁOS OPERARIOS

COMPANHEIROS:

Na FOLHA SOCIALISTA do mês passado eu parei quando contava para voces o que é meu sogro, o seu Moacir que voces já conhecem, estava me dizendo sobre essa idéia politica, que se chama SOCIALISMO. Ele já tinha explicado o que é que o SOCIALISMO pensa sobre a situação dos operários, já tinha explicado tambem que o SOCIALISMO acha que é possivel a gente criar, um mundo onde não existem classes, quer dizer um mundo onde não existam pobres nem ricos, um mundo onde todo mundo seja igual. Foi isso que seu Moacir me disse faz muito tempo, e naquela época eu duvidei que isso pudesse acontecer. Eu pensava comigo mesmo: Como será possivel a gente viver num mundo onde não existe pobre nem rico, e dessa forma onde não existe miséria, nem favela, nem falta de escola, nem falta para os pobres de hospital? Isso não era possivel era sonho de seu Moacir, como é que os pobres podiam conseguir isso? Foi uma vez mais o meu velho sogro, que me explicou como é que a gente pode pegar aquilo que pertence a uns poucos e dividir entre todo mundo. Ele me disse o seguinte: Zé, voce já imaginou se os operários todos se unisse com todos os campones sem terra, quanta gente seria? O que é que tem mais no mundo Zé, patrão ou operario, fazendeiro ou campones? E' claro que tem mais operário e mais campones, muito mais, nós somos a maioria. Pois então se nós somos a maioria é facil a gente tomar o governo para a gente. Os patrão não vão querer, nem os fazendeiros, que a gente tome as propridades deles e transforme em propriedade de todo mundo, e por isso vão pegar os exercitos, que são pagos por eles e vão mandar os soldados matar os chefes da revolta operária, mas não vamos deixar eles ir matando assim sem mais nem menos, nos vamos lutar tambem, vamos reagir e vamos ganhar a parada.

Foi ai que eu perguntei pro seu Moacir: Mas seu Moacir, como é que a gente vai reagir, se a gente não sabe lutar e não tem armas? Sempre sorrindo seu Moacir respondeu: Voce nunca ouviu falar da GUERRILHA, Zé?

Eu nunca tinha ouvido falar de guerrilha, e penso que muitos companheiros operários já ouviu falar mas não sabe bem o que é.

NA FOLHA SOCIALISTA do mês que vem ou vou explicar para voces o que é a GUERRILHA, e vou explicar tambem o que é que os companheiros operários deve ficar fazendo enquanto não chega a hora de lutar pelos seus direitos de arma na mão.

Até o mês que vem, com um abraço do

Zé Marmita.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Imagens da Crise do Imperialismo

O mês de maio e os primeiros dias de junho não foram favoraveis ao imperialismo que, um pouco por toda a parte, sofreu serios revezes e percalços com que não contava. A propria festa do primeiro de maio, jornada internacional de solidariedade, ficou a assinalar a disposição em que se encontram os trabalhadores de todo o mundo de intensificar a sua luta contra o imperialismo e o capitalismo. Em dezenas de países, durante as manifestações, as reuniões e os comicios organizados para celebrar a data, fez-se sentir de maneira impressionante o desejo de paz das respectivas populações e a sua irrestrita solidariedade para com os movimentos populares e revolucionarios que em varios nações subdesenvolvidas vêm lutando contra todas as formas de exploração do homem.

Houve, entretanto, nesse panorama geral de luta entre as forças que encarnam o progresso e as forças obscurantistas da reação, alguns acontecimentos que, pela sua importancia e significado no quadro geral do choque a que vimos assistindo, merecem uma referencia especial. Em nosso Hemisferio tivemos, alem da agudização da crise Argentina — país onde os gorilas estão prestes a assumir diretamente o poder, pondo fim à farsa da legalidade — uma permanente efervescencia revolucionaria na Venezuela e a vitoria nas eleições peruanas do candidato da Acão Popular, Fernando Belaunde Terri. Na Europa, parece ter-se iniciado o processo final das ditaduras fascistas de Salazar e Franco, cuja derrubada será golpe durissimo para o clã imperialista, abrindo novas e promissoras perspectivas de luta às forças de esquerda no Velho Mundo. Por outro lado, em Africa não correram melhor as coisas para os Estados Unidos e seus aliados. O movimento anti-colonialista que varre o continente de Norte a Sul continuou a fazer apreciaveis progressos, sendo certo que o plebiscito argelino, no dia 1.o de julho marcará o fim de uma era e o inicio de outra. Tampouco no sudeste asiático o Departamento de Estado foi melhor sucedido na sua politica de combate a tudo o que signifique desejo de uma independencia real.

Passemos em revista, embora superficialmente, os principais desses acontecimentos.

Venezuela

Betancourt já tirara a mascara há muito. Mas uma coisa é trair a esquerda e outra lançar-se nos braços do fascismo. E esse é o sentido da opção do ex-revolucionario da Acción Democrática. A caricatura de democracia burguesa que existia na Venezuela não pode mais iludir ninguem. Não se trata já da suspensão das garantias constitucionais, porta aberta a toda especie de arbitrariedades e violencias. O presidente-ditador vai mais longe: prepara o decreto de proscrição do Partido Comunista e do Movimento de Esquerda Revolucionaria (MIR), cujas atividades, aliás, foram oficialmente suspensas desde os primeiros dias de maio, logo após a revolta de Carupano.

A ilegalidade da medida não é posta em duvida pelo proprio Romulo Betancourt, hoje abandonado por todas as forças politicas do país com exceção da extrema-direita. Sua lei é, porem, a da força. No Congresso está em minoria, combatido inclusive pelos conservadores da Union Republicana Democratica, de Jovito Vilalba, e pelos burgueses das varias facções da Acción Democrática controladas pelo senador Ramos. A ideia de acabar com o Legislativo através de um golpe de Estado não sai das congeminações de Betancourt que vê, agora, na pretensa "necessidade de se colocar fora da lei o PC e o MIR o pretexto para se impor como caudilho absoluto. A seu lado, tem os militantes fascistas de um exercito poderosamente armado e o dinheiro das companhias petroliferas norte-americanas e inglesas. E conta, evidentemente, com o apoio incondicional do presidente Kennedy que faz questão de apontar o regime venezuelano como "exemplo de democracia que devia ser seguido por todas as Republicas latino-americanas".

A resposta do povo venezuelano a "esse exemplo de democracia" tem sido admiravel e digna das grandes tradições revolucionarias da patria de Francisco Miranda. A pagina de heroismo que a juventude venezuelana acaba de escrever em Puerto Cabello, essa sim, é um exemplo apontado aos homens que na America lutam pela autodeterminação de suas patrias. Fuzileiros, estudantes, trabalhadores e camponeses enfrentaram durante varios dias, quase desarmados, todo o poder militar do ditador, numa luta desesperada que comoveu o mundo e transformou a pequena cidade de Caribe num montão de escombros fumegantes. A ferocidade da repressão foi inaudita e os proprios correspondentes ianques são os primeiros a confessar que os tanques de Betancourt, na sua marcha implacável, esmagavam tudo o que se lhes deparava no caminho, passando por cima de verdadeiras pilhas de corpos humanos. Oitocentos mortos e mais de mil e quatrocentos feridos! O balanço é dramatico mas ele nos dá bem a medida da determinação heroica da juventude revolucionaria da Venezuela. Uma coisa é certa: a luta armada contra o regime parece desencadeada em termos definitivos.

As guerrilhas na Venezuela são ja uma realidade. Centenas de combatentes de Puerto Cabello refugiaram-se nas montanhas e dali, protegidos pela mata quase impenetravel, desafiam o aparelho repressivo de Betancourt.

Seria, evidentemente, prematudo estabelecer paralelo com o caso cubano. As situações são diferentes. O imperialismo tirou as suas conclusões da revolução fidelista e não age hoje como agia há dois ou três anos. Mas não é menos verdade que tambem os revolucionarios venezuelanos estudaram a lição cubana. Daí a unidade magnifica das forças da Esquerda, que souberam construir uma frente unitaria em que o Partido Comunista e o MIR atuam como bloco monolitico, relegando as questões estritamente teoricas a plano secundario. A ação precede o debate ideologico.

Espanha

Tambem em Espanha o imperialismo está prestes a sofrer uma irremediavel derrota. Pela primeira vez em vinte e três anos, Franco viu-se forçado a transigir em face das massas populares, cedendo às reivindicações da classe trabalhadora. Sua derrota chegou em dado momento a assumir proporções alarmantes. O caudilho, completamente desorientado não sabia o que fazer. Com as greves alastrando-se cada dia que passava e não ousando recorrer ao Exercito — com receio das consequencias e por duvidar da obediencia da tropa — o velho ditador via tudo desmoronar-se à sua volta. A propria Igreja o abandonou, tendo havido, inclusive, padres que em seus sermões se solidarizaram com os grevistas. O movimento vinha de longe. O sinal fôra dado pelas greves de Besain. Em qualquer outro país, a coisa careceria de importancia. Tratando-se, porem, de um regime fascista, toda greve reivindicatoria é automaticamente uma greve politica, uma vez que o Estado faz as vezes de um super-patrão. Franco, entretanto, só se deu conta da gravidade dos acontecimentos quando praticamente toda a "cuenca" mineira das Asturias ficou paralizada. Depois foram os metalurgicos da Vizcaia, o proletariado de Barcelona, os estudantes e as mulheres de Madrid, os mineiros de Rio Tinto, os trabalhadores agricolas de Andaluzia.

Quando o "generalissimo" se dividiu a aumentar os salarios parecia que era tarde. O movimento assumira uma feição perigosa para o regime. Operarios, mineiros e camponeses haviam tomado consciencia da sua força e compreendido que Franco os temia, que podiam ir mais longe. O regresso ao trabalho foi lento e melancólico...

Desgraçadamente, faltou direção. Ou, para sermos mais precisos, a oposição espanhola apresenta-se dividida num sem numero de partidos e facções que a impedem de desempenhar o papel que se poderia esperar. Franco é o grande beneficiario desse estado de coisas, pois mesmo para o derrubarem os oposicionistas não se aliam na ação.

A Espanha oferece assim, hoje e cada vez mais, um espetaculo paradoxal. As massas, embora deficientemente politizadas, estão saturadas de duas decadas de violencias e arbitrariedades fascistas e a sua disposição para a luta é magnifica. O povo não quer, aliás, apenas a queda de Franco. Não obstante o problema não se coloca para a maioria no plano ideologico, existe o desejo de uma revolução profunda. A epopéia de 36 não foi esquecida!

A burguesia espanhola e os remanescentes da antiga aristocracia — que em Espanha é ainda uma força — temem por isso mesmo o futuro. Daí a sua conduta hesitante e a sua alergia a tudo o que os coloque em face do "papão" do comunismo.

A recente conferencia de Munich — sugerida por Washington e apoiada pelo chamado "Governo da Republica no exilio" — confirmou tristemente as tendencias divisionistas dos dirigentes conservadores da Oposição. Monarquistas, liberais e catolicos puseram-se de acordo para excluir detoda ae qualquer aliança a esquerda revolucionaria. Na lingagem ridicula e anacronica dos srs. Salvador de Madariaga e Gil Robles não há diferença entre Franco e os comunistas ou, simplesmente marxistas. São todos "totalitarios". Para essas vetustas figuras da liberal democracia e para ex-fascistas, como Dionisio Ridruejo, a solução certa será, à falta de melhor, o regresso dos Bourbon ao trono...

E' evidente que os trabalhadores da Espanha dirão a palavra final e que jamais aceitarão uma "solução" monarquista. Mas o divisionismo é uma realidade, um balão de oxigenio oferecido ao ditador moribundo. E o resultado aí está. A repressão volta a intensificar-se e os padradores de Munich se quiserem voltar a Espanha... só com residencia fixa nas Canárias.

Os heroicos mineiros das Asturias, os operarios de Bilbau e Barcelona mereciam um pouco mais de respeito!

Portugal

Em Portugal, o panorama inspira bastante otimismo. Maio e Junho foram dois meses decisivos para o fortalecimento da unidade, essa unidade que durante tantos anos se revelou impossivel. A ação das Juntas de Ação Patriotica vem se intensificando de forma notavel, especialmente no que concerne ao esclarecimento das massas. E, ao invés do que acontece em Espanha, todos estão de acordo em trabalhar em comum para derrubar Salazar. Basta salientar que das JAPS participam comunistas, liberais e catolicos.

A amplitude do movimento estudantil assumiu tais proporções que o governo se sente desorientado, sem saber como enfrenta-lo. E a melhor prova de ssa desorientacão temo-la no recurso à violencia indiscriminada, com a ocupação das cidades universitarias de Lisboa e Coimbra e o espancamento de estudantes e professores. Grande numero de professores, sem opção politica definida, revoltados com as brutalidades da Policia, mostra-se solidario com os alunos. O espancamento do prof. Lindley Sintra — um filólogo de reputação internacional que vive para o estudo — foi a gota de água que fez transbordar a indignação dos mestres.

Resultado: não haverá exames e professores e alunos tendem a formar uma frente contra o Ministeria da Educação, o mesmo é dizer contra a ditadura fascista de Salazar.

A solidariedade dos trabalhadores com o movimento estudantil é total, como aliás se verificou nas jornadas do 1.o e 8 de maio em que a Policia e os milicianos da Guarda Republicana, acossados por multidões enfurecidas, dispararam sobre elas, matando e ferindo numerosos patriotas.

De outro lado, ao contrario do que acontece em Espanha, o "papão" do comunismo, na atual fase, deixa indiferente a quase totalidade da burguesia. Salazar usou tanto a arma que ela não funciona mais. Para isso, muito contribuiu o descontentamento causado pela guerra colonial. Os proprios homens de negocios, totalmente indiferentes à miseria do povo, não aceitam mais os argumentos "patrioticos" e o imperialismo "romantico". Estão-se apercebendo que a guerra de Angola deixará o país completamente arruinado.

Salazar está assim cada vez mais só. Isto é, apenas apoiado pelo estrangeiro. Tanto os Estados Unidos como a Alemanha de Adenauer continuam a financiar a guerra de Angola, embora — por precaução — não neguem tambem ajuda a nacionalistas angolanos dóceis com o imperialismo, como Holden Roberto.

Tudo indica que o desenlace se aproxima. O subdesenvolvimento do país é de tal ordem que Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a Alemanha Federal receiam que a queda de Salazar represente a perda definitiva de Portugal para o campo ocidental. A oligarquia está irremediavelmente comprometida com Salazar e a anemica burguesia nacional não tem nada a oferecer, não encontrará saida para os problemas do país. Vislumbra-se, assim, a marcha de Portugal, em prazo não muito longo, para um regime democratico e popular. Em que pese a Washington!

Isto, na Europa .Porque na Africa, logo que a independencia da Argelia seja proclamada, a frente de combate contra o imperialismo ficará ampliada. E porque na Asia, a presença dos "marines" no Sião não impediu que as forças populares, no Laos, infligissem derrota sobre derrota aos mercenarios equipados pelo Pentagono, obrigando Washington a aceitar a formação do chamado governo dos "três principes" presidido por Sauvana Phumma, governo que representa o triunfo da tese da neutralização do pequeno país defendida por Moscou com o apoio das nações do bloco afro-asiatico.

A suspensão pelo Senado ianque de todo auxilio economico a paises que adotem o regime socialista é sintomatica do desespero que domina o imperialismo. Outro fato extremamente importante e que prenuncia dias negros para os argentarios da Wall Street e para o capitalismo em geral foi o panico verificado nas ultimas semanas na Bolsa de Nova York. Fazemos votos par que seja o principio do fim do capitalismo.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

PERFIL DOS DEMAIS CANDIDATOS

No exame das candidaturas a governador do Estado, o que importa não é tanto verificar as qualidades ou defeitos pessoais dos candidatos e sim a sua composição de classe, o conteudo social dessas candidaturas. Nesse sentido, não é dificil demonstrar que, fora da candidatura de esquerda, socialista, expressa na pessoa de Cid Franco, todas as demais são ruins, pessimas, devem merecer o formal repudio dos trabalhadores e da classe media, pelo menos de sua parte mais esclarecida. Analisemos, pois, alguns traços fundamentais dessas outras candidaturas, no tocante à sua expressão politica e social.

JOSE' BONIFACIO — Candidatura dos grupos mais conservadores da burguesia paulista, dos bancos tradicionais, das velhas oligarquias de fazendeiros, da "gente bem", dos paulistas "quatrocentões" Aristocratas rurais aliados aos grupos dominantes no capital financeiro em São Paulo. E' a gente que tem a "honestidade" do aristocrata de há cem anos, do sujeito que se batia em duelo por uma questão insignificante de "honra" mas não sentia constrangimento algum em mercadejar com escravos. Gente que detesta os "novos" da burguesia paulista, os poderosos industriais saídos da imigração de italianos, sirios, espanhois e judeus e os aventureiros que formaram suas industrias, bancos e fazendas à custa de especulação e cavações junto ao governo federal ou estadual. Reacionarios, partidarios ferozes da "livre iniciativa", imbuidos de um liberalismo retrogrado, no estilo anterior à revolução de 1930, estes elementos estão dispostos a fazer qualquer negocio com os trustes imperialistas, desde que fiquem garantidos seus privilegios de classe. Os trabalhadores, os camponeses, o funcionalismo, as camadas mais pobres da classe media urbana, sentem instintivamente que essa candidatura está "do lado de lá", nada pode ter em comum com as aspirações populares.

AURO MOURA ANDRADE — Não existe esta candidatura, pela simples razão de que não conseguiu polarizar nenhum grupo substancial das classes dominantes em São Paulo como as demais. Os varios "esquemas" politicos em que se divide a burguesia paulista não comportam muitas divisões. Duas ou três candidaturas, no maximo. Por isso não sobra nada para o sr. Auro. Por maiores que sejam as somas gastas por ele, para satisfação da vaidade pessoal de disputar o governo de São Paulo, não chegará, como politico burguês que é, a empolgar qualquer grupo da burguesia. Esta já tem os seus "homens", JB, Ademar, Janio. Com qualquer dos três se "arranjará", no caso de eleição de um deles.

JANIO QUADROS — Esta candidatura tem expressão social mais complexa, devido às mudanças sofridas pelo grupo janista. Há dez anos atrás a figura de Janio exprimia uma reação popular contra as classes dominantes, e seus representantes politicos conservadores e corrompidos. Mas, na medida em que Janio foi subindo na escala do poder, foi transformando-se, até exprimir o oposto daquilo que era antes. Explorando, demagogicamente, aquilo que ele representou há dez anos atrás, Janio ainda consegue arrastar parte da massa trabalhadora e da classe media, aqueles setores menos esclarecidos. Mas o conteudo de sua candidatura é hoje tão reacionario como o das demais. Janio hoje polariza alguns setores mais reacionarios e ao mesmo tempo mais conscientes da burguesia, que desejam um "homem fôrte", tipo Salazar ou De Gaulle à frente do governo, para "restabelecer a autoridade" e "pôr ordem no País". O proprio Janio anda empolgado com a figura de De Gaulle e quer reproduzi-lo aqui. "Dêm-me o poder de novo, com plena liberdade de ação, e eu aquietarei as massas populares desesperadas" — esse é o sentido da linguagem de Janio, quando hoje se dirige ao eleitorado, em termos de populismo", cortejando, ao mesmo tempo, os grandes grupos economicos que lhe sustentam a candidatura. Ajuntamento perigoso, servindo de caldo de cultura a um movimento fascista, de que a burguesia brasileira poderá lançar mão, a qualquer momento, quando se sentir muito ameaçada em suas posições, essa candidatura terá de ser combatida pelos setores mais esclarecidos da classe operaria, do campesinato e da classe media.

ADEMAR DE BARROS — Esta candidatura representa o que há de mais podre na politica burguesa atual: a corrupção, a mistificação, o rebaixamento do nivel politico das massas. Numa sociedade que envelheceu precocemente dentro do sistema capitalista, muito antes de atingir seu pleno desenvolvimento economico, uma sociedade em que as classes dominantes a cada instante perdem em dignidade e em autoridade moral, pela sua sujeição de tipo colonial ao imperialismo estrangeiro, todo o aparelho estatal, toda a atividade politica e administrativa, tende a ficar contaminada pela corrupção. Proliferam os elementos marginais, os especuladores, os que enriquecem à custa de bens publicos ,os exploradores de vicios e outras mazelas sociais. Todos estes elementos de decomposição social tendem a aglutinar-se, nas eleições para cargos executivos em torno de uma determinada candidatura, e, aqui em São Paulo, essa candidatura é a de Ademar. Ela representa, tambem, alguns grupos da burguesia paulista, formada de aventureiros ambiciosos, recém-enriquecidos, que, por oposição aos grupos conservadores hoje bem representados em Carvalho Pinto, formam em torno de Ademar, ele proprio uma figura tipica dessa nova burguesia voraz e aventureira. Esta gente é tanto ou mais reacionaria que a outra formada ao redor de José Bonifacio. Corrupção e reação são os dois lados de um sistema capitalista apodrecido pela sujeição aos trustes estrangeiros e pela incapacidade de desenvolver a riqueza coletiva da Nação. Não é à tôa que Ademar, em artigos no "O Dia" e em arengas ao eleitorado, hoje está falando a mesma linguagem de Lacerda e Silvio Heck, vomitando odio contra tudo quanto tenha traço de avanço social e libertação nacional. A defesa deste sistema apodrecido é condição de sobrevivencia para politicos do genero de Ademar. Em relação a uma candidatura deste tipo, portanto, os trabalhadores, aqueles que vivem do proprio trabalho ou de modestos empreendimentos industriais e comerciais, que amargam todos os dias o peso dos preços e a ineficiencia do aparelho estatal, devida em grande parte à corrupção, não podem ter outra atitude senão a do mais energico repudio.

FOLHA SOCIALISTA

ANO XIII — JUNHO DE 1962 — N.º 136

NOTAS POLITICAS

CEDULA UNICA, UM PASSO À FRENTE

Dificilmente haverá, no mundo, um sistema eleitoral mais corrompido e falho do que o brasileiro atual. Basta ver a feira eleitoral de candidatos que já anda por aí, nas ruas, para se evidenciar isso. A maioria deles "trabalhando por conta propria", candidatos de si mesmo, de determinada profissão, de bairro, de cidade, tudo menos de partidos politicos ou correntes de pensamento definido. Nessa feira eleitoral só têm possibilidades de exito, evidentemente, os ricaços, que podem dominar a propaganda, a peso de ouro, salvo um ou outro candidato já conhecido do povo, por suas posições politicas.

A reforma eleitoral é, por isso mesmo, sentida como uma necessidade premente e urgente, para se tentar salvar o regime democratico de total desmoralização em nosso País. Mas os politicos conservadores não querem saber de reformas, porque o atual sistema, corrupto e falho, possibilita a sua sobrevivencia nos cargos eletivos.

Agora, à custa de muita pressão de alguns orgãos de imprensa, resolveu o Congresso elaborar uma timida reforma, que tem, como ponto mais importante, a introdução da cedula unica para as eleições de deputados, nos Estados de São Paulo e da Guanabara. Trata-se de um passo à frente, no sentido da consolidação do sistema democratico. A cedula unica contribuirá para fortalecer os partidos politicos, nos principais centros eleitorais do País. Diminuirá, tambem, nesses lugares, a influencia do dinheiro nas eleições. E isso já representa um avanço razoavel, que deve ser aplaudido, sem duvida.

VOTO AO ANALFABETO

Por falar em reforma eleitoral, consignamos, aqui, um "aprovado" ao governador Magalhães Pinto, que se declarou favoravel à extensão do voto aos analfabetos. Isto representaria um outro avanço substancial, no sentido da consolidação do sistema democratico. Atualmente, mais de trinta por cento da população brasileira adulta está afastada da vida politica da Nação, embora seus direitos e deveres, dentro da sociedade, sejam iguais ao do restante da população. O afastamento dessa substancial párcela da população falseia totalmente o processo eleitoral. A experiencia de outros paises tem demonstrado que o analfabeto tem tanta capacidade de discernimento politico como o alfabetizado. Não há razão alguma, portanto, para a restrição imposta pela lei atual. Complemento necessario da extensão do voto aos analfabetos seria o voto, para os cargos do Legislativo, dado somente à legenda partidaria, através de simbolos ou côres nas cedulas. E com isso muito haveria de ganhar o sistema, muitos aventureiros e magnatas reacionarios seriam alijados do Congresso e dos legislativos estaduais.

SANTHIAGO NA BERLINDA

A intenção manifestada pelo sr. João Goulart, de indicar o sr. San Thiago Dantas como primeiro-ministro despertou intenso alarido da reação. A alta burguesia brasileira, os setores mais reacionarios do clero e das forças armadas não perdoam ao chanceler San Thiago Dantas o crime de haver desobedecido às ordens do imperailismo norte-americano, atrapalhando, em Punta del Este, os planos de invasão de Cuba, que "mister" Rusk levava no bolso. Para essa gente, qualquer politica externa independente, capaz de projetar a Nação brasileira, de acordo com a sua importancia geografica e demografica, representa um "enfraquecimento" do bloco capitalista ocidental comandado por Washington e, portanto, um golpe nos privilegios de todas as classes dominantes. Daí o odio vomitado contra o chanceler por quase todos os orgãos da "grande imprensa".

O sr. San Thiago Dantas, na realidade, nada tem de revolucionario. Se as classes dominantes brasileiras tivessem lideranças mais inteligentes, deveriam querer à frente do governo precisamente um homem como ele, com a sua orientação reformista e com o prestigio popular conquistado por suas posições de independencia na politica externa brasileira. Essa orientação reformista levada à pratica, em um programa de governo, é a unica que poderia atenuar os efeitos da crise, abrir algumas perspectivas de solução pacifica, acalmar as massas, que já dão sinais de impaciencia e desespero. Mas isso, a plutocracia brasileira e seus socios imperialistas não compreendem, evidentemente. Azar deles...

O GOLPE PIFADO

A conspiração dos "gorilas" nacionais atingiu seu ponto culminante há cerca de um mês. O golpe direitista, visando a implantação de uma ditadura fascista esteve a ponto de ser desfechado. Em São Paulo, todos os "grandes jornais", alimentados pelos anuncios da Light, da Esso, da General Motors e outros "bigs" do imperialismo, desandaram numa campanha preparatoria alucinada em favor do golpe militar. O exemplo da Argentina, onde os "gorilas" das forças armadas conseguiram instalar uma ditadura retrograda, estilo seculo dezenove, anda entusiasmando a plutocracia e a grã-finagem por esse Brasil afora. Mas acontece que no Brasil a situação das forças armadas é muito diferente daquela da Argentina. No país vizinho, os militares têm forte tradição autocratica, educação prussiana, constituem um bloco reacionario compacto. Aqui, no Brasil, o Exercito, ao contrario, tem tradição democratica, é sensivel às aspirações populares e às correntes renovadoras de pensamento politico. As forças armadas estão divididas quanto à orientação politica e, evidentemente, os elementos mais inteligentes, combativos e idealistas estão do "lado de cá", do povo, contra os "gorilas" e seus lacerdas. A conspiração direitista, apesar dos apelos histericos da imprensa conservadora, não consegue ambiente. Falta-lhe, tambem, liderença de gente capaz. O almirante Silvio Heck, que é, ao que parece, o centro da articulação, é fraquinho como lider. Enfim, a esta altura parece que a nova tentativa golpista já está morta no nascedouro. Mas não vamos descuidar-nos, que essa gente tanto tem de incapaz quanto de odio e esperado pelo povo. E vai teimar, insistir, vai tentar outras vezes...

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30
unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis